

Organização:  
Marilda Aparecida de Oliveira Effting  
Luis Carlos Cancellier de Olivo



*Crônicas*  
*Crônicas*  
*Crônicas*

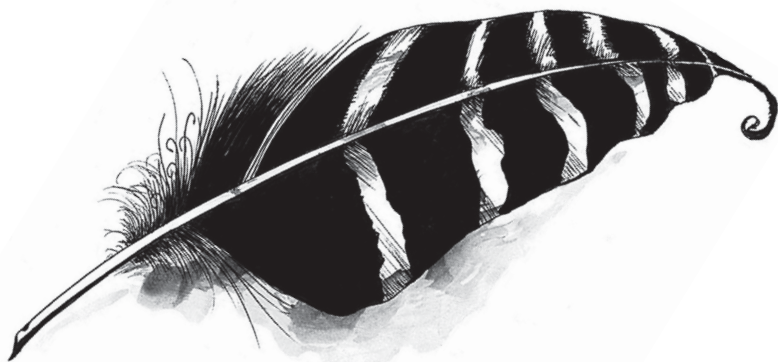
30 anos NETI





# *Crônicas*

## *30 anos NE79*



### **ORGANIZAÇÃO**

Marilda Aparecida de Oliveira Effting  
Luis Carlos Cancellier de Olivo

**FUNDAÇÃO JOSÉ ARTHUR BOITEUX**

**PRESIDENTE DO CONSELHO EDITORIAL**

José Isaac Pilati

**CONSELHO EDITORIAL**

Antônio Carlos Wolkmer  
Eduardo de Avelar Lamy  
João dos Passos Martins Neto  
José Rubens Morato Leite  
Luis Carlos Cancellier de Olivo  
Ricardo Soares Stersi dos Santos

**COMISSÃO AVALIADORA**

Eliane Santana Dias Debus  
Inês da Silva Mafra  
Ana Esther Balbão Pithan  
Isabel Maria Barreiros Luciktenberg

UFSC – CCJ – 2º andar  
Campus Universitário  
Trindade  
Caixa Postal 6510 – sala 216  
CEP 88.036-970  
Florianópolis/SC

Fone: (48) 3233-0390  
livraria@funjab.ufsc.br  
www.funjab.ufsc.br

**CAPA E ILUSTRAÇÃO**

Sérgio Stähelin

**REVISÃO**

Isabel Maria Barreiros Luciktenberg

**CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO**

Rita Castelan Minatto

**FINALIZAÇÃO**

Cláudio Girardi

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Denise Aparecida Bunn

**FICHA CATALOGráfICA**

---

C947 Crônicas : 30 anos Neti / organização Marilda A. Oliveira Effting  
e Luis Carlos Cancellier de Olivo ; capa e Ilustração, Sérgio  
Stähelin. – Florianópolis : Fundação Boiteux, 2013.  
200p. : il.

ISBN 978-85-7840-135-1

1. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de  
Estudos da Terceira Idade – História. 2. Crônicas Brasileiras –  
Santa Catarina. I. Stähelin, Sérgio.

CDU: 869.0(81)-94

# Sumário



|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| Apresentação .....                   | 9  |
| Azar da Arzira .....                 | 13 |
| <i>Selma Clemes Külkamp</i>          |    |
| Zorá, o avô e o NETI .....           | 21 |
| <i>Elaine Lima da Silva</i>          |    |
| Os meus sessenta anos .....          | 29 |
| <i>Antônio Felix da Silva</i>        |    |
| ONETI/UFSC: uma escol(h)a .....      | 37 |
| <i>Acélio Richetti (in memoriam)</i> |    |
| Uma manhã de primavera .....         | 43 |
| <i>Ana Conceição de Souza Dias</i>   |    |
| Ressignificando .....                | 51 |
| <i>Ana Márcia Medeiros Jabor</i>     |    |
| Minha vida no NETI .....             | 57 |
| <i>Astrid D. Ayala Fonseca</i>       |    |
| Vida .....                           | 63 |
| <i>Dulcirene Grein Ferreira</i>      |    |
| Tudo a seu tempo .....               | 71 |
| <i>Elna de Oliveira Silva</i>        |    |

|                                                                            |     |
|----------------------------------------------------------------------------|-----|
| Porta de vidro .....                                                       | 77  |
| <i>Inês Carmelita Lohn</i>                                                 |     |
| Amizade em todas as idades .....                                           | 83  |
| <i>Ivone da Costa Tonon</i>                                                |     |
| O tempo da vovó é agora .....                                              | 91  |
| <i>Lilian Feller Schmidt</i>                                               |     |
| Sem tempo para a cadeira de balanço .....                                  | 97  |
| <i>Lourdes Teresinha Malfatti Gasperini</i>                                |     |
| Um novo olhar para a vida .....                                            | 103 |
| <i>Margarete Leopoldo de Mello</i>                                         |     |
| A casa e o tempo .....                                                     | 109 |
| <i>Maria Alicia Carena Cupani</i>                                          |     |
| Caminhos .....                                                             | 115 |
| <i>Maria das Graças Ferreira</i>                                           |     |
| Lençóis ao sol .....                                                       | 123 |
| <i>Maria de Lurdes Camargo Nogueira</i>                                    |     |
| Na tranquilidade dos aposentos<br>ou perdida na Cidade Universitária ..... | 127 |
| <i>Maria Elisabeth Amaral Wollinger</i>                                    |     |
| A espera .....                                                             | 133 |
| <i>Maria Leonilda Scherner Rossi</i>                                       |     |
| Entre livros e filmes .....                                                | 137 |
| <i>Mônica Joesting Siedler</i>                                             |     |
| A ânsia pela vida .....                                                    | 143 |
| <i>Myrna Evelise N. Andriani</i>                                           |     |

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| 30 anos NETI: histórias de um também contador. | 149 |
| <i>Nestor José Rech</i>                        |     |
| Crônica: NETI, um caminho sem volta .....      | 155 |
| <i>Osvaldo Tadeu Santana e Silva</i>           |     |
| Tempos da memória .....                        | 161 |
| <i>Raquel Quadros Seiffert (in memoriam)</i>   |     |
| Sonhar, por que não? .....                     | 167 |
| <i>Regina Maria Valente Magaldi</i>            |     |
| Descoberta .....                               | 171 |
| <i>Soeli dos Santos de Menezes</i>             |     |
| A roda em volta da mesa .....                  | 175 |
| <i>Sônia Maria Rodrigues de Magalhães</i>      |     |
| Idas e vindas no NETI .....                    | 183 |
| <i>Valuzia Manoel Luiz</i>                     |     |
| Revivendo .....                                | 189 |
| <i>Vânia Maria Maya de Albuquerque</i>         |     |
| NETI: realidade ou sonho .....                 | 195 |
| <i>Yolanda Massaro</i>                         |     |



## Apresentação



O sentido da existência das coisas está naquilo que se referencia sobre elas, com o passar do tempo, acerca dos seus (e)feitos e das suas realizações e na vazão da sua história contada, por vezes, por vozes diversas. E, considerando que as histórias nascem daquilo que significam em dado momento ou do que representam, ou representaram, para uma pessoa ou para uma comunidade, foi que brotou a ideia de um concurso de crônicas dentre as atividades comemorativas aos 30 anos, em 2012, do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Em verdade, o concurso foi pensado com o intuito de estender aos *netianos*, indistintamente, a oportunidade a cada um de dizer algo de si, por si, para si e para os outros da sua trajetória pessoal, com uma escala de vivência no NETI. Porém, por inúmeras razões, decidiu-se delimitar a seleção em 30 textos em consonância com o tempo, em anos, de atividade do Núcleo.

Assim, do montante de trabalhos enviados, a comissão avaliadora selecionou 30, conforme os cri-

térios estabelecidos no Edital regulamentador do concurso. Na continuidade, veio a árdua função de classificar o primeiro, o segundo e o terceiro colocados. Isto feito, as demais 27 crônicas tiveram uma classificação única, ou seja, sem ordenamento de colocação do quarto ao trigésimo lugar, ficando essas dispostas, na extensão do exemplar, pela sequência alfabética dos nomes dos autores.

As crônicas recebidas revelam particularidades desses autores que se permitiram, através de palavras escritas, materializar olhares, recordações, esperanças, alegrias, desalentos, saudades, inquietudes, encantamentos, opiniões, enfim, socializar publicamente um pouquinho de sentimentos e de histórias, até então, tão suas. Isso pelo fato de a maioria dos textos abordar, quase em plenitude, situações intimistas e as vias que os conduziram a contextualizar, vividamente, o NETI.

O modo como alguns autores teceram declarações de carinho, umas escancaradas e eloquentes, outras mais veladas e contidas, denota que as três décadas dedicadas à pessoa idosa reacenderam chamas, iluminaram veredas e promoveram transformações. Logo, a coletânea apresentada pode ser entendida como uma mínima amostragem de memórias, das mais longínquas às mais recentes, as quais traduzem a grandeza das ações do Núcleo e um anseio, que corre subjacente, para que ele se mantenha nesse fôlego.

Bem, de volta ao plano desta publicação, assinalo o quanto são importantes as parcerias e o quanto elas foram imprescindíveis desde a intenção inicial até a sua efetivação. E é gratificante poder registrar o acolhimento recebido em todas as instâncias do projeto. Os primeiros incentivos vieram daquela que denomino de memória viva e atuante do/no NETI, por 29 anos ininterruptos, a incansável professora Eloá Caliarí Vahl, tão logo partilhei com ela o que me havia ocorrido, quando a dedicada coordenadora Nina Schier pediu “ideias” para compor a programação comemorativa aos 30 anos do Núcleo.

Dada a partida para implementar o que se transformara num desejo, a publicação de um livro de crônicas no formato *e-book* e impresso, o apoio chegou através da Fundação José Arthur Boiteux (FUNJAB), depois do aceno cordial do professor Luis Carlos Cancellier de Olivo, à época presidente do conselho editorial da Instituição, que disponibilizou a equipe gráfica e demais recursos para esta concretização. E, para mediar, negociar e atender todos os chamados entre os envolvidos nas fases técnicas de montagem do volume, contamos com a Thálita Moura, abundante em paciência.

A tarefa de selecionar e classificar as crônicas coube às prestimosas avaliadoras: Eliane Santana Dias Debus, Inês da Silva Mafra, Ana Esther Balbão Pithan e Isabel Maria Barreiros Luciktenberg, res-

pectivamente, presidente e membros da banca, que, por amizade e por compromisso social/literário, aceitaram o convite, o que demandou delas a reserva de valiosas horas à faina de leituras apreciativas e outras tantas em reuniões até a lista derradeira.

No entanto, a essência desta edição deve-se aos *netianos* que se lançaram escritores e com isso, pelas suas narrativas enredadas por lembranças de vivências únicas, deram corpo (e, acredito, muita alma) ao que no momento é apresentado a vocês.

Por fim, lembro que nos movimentos de chegadas e partidas, do período da abertura do Edital à editoração, início e fechamento deste trabalho, foram subtraídos do nosso convívio dois membros da comunidade NETI e autores da antologia, ora *in memoriam*, o servidor técnico administrativo senhor Acélio Richetti e a professora voluntária senhora Raquel Quadros Seiffert.

Sim, esta obra, além de registrar histórias crônicas, desenhou a sua própria história. E, sem sombra de dúvida, TODOS os participantes merecem reverências e estão igualmente de parabéns, independentemente do papel desempenhado no processo, agora, em definitivo, o livro: **Crônicas 30 anos NETI**.

Fica o convite a esta confraternização. Boa leitura!

*Marilda Aparecida de Oliveira Effting*  
Organizadora



*Azar  
da Anzira*

*Selma Clemes Külkamp  
1. lugar*

*4/12/2013*



# *Azar da Arzira*

*Selma Clemes Kulkamp*  
1º lugar

Sentada à mesa da varanda, absorta no esforço de esticar o minguido salário de professora aposentada, nem percebe a presença do neto que se postara entre ela e um resquício de sol da tarde, tímido como final de inverno.

Longe vai o tempo dos professores respeitados social e financeiramente... Bons tempos aqueles, quando fazia a lição de casa no galho mais forte da goiabeira. Bem no alto. Aprenderia mais olhando a vida de cima. O tempo se apressaria e logo, logo, ela seria gente grande, citada com respeito: “Dona Fulana, a professora!”.

De tantos sonhos e lembranças, restara somente a realidade daquele modesto comprovante de salário. E, num suspiro resignado, saudoso e triste, repete a interjeição usada na infância, caso algo saísse errado: “Arzira!”.

As mudanças sociais vieram “subentrantes”, como ouvira dos médicos, ao citar crises em sequência, sem intervalo. Ela sequer percebera, em todo o tempo, que a professora virou “tia” e, após outros estágios,

se tornou “profa” e, no seu caso específico, “profa ancestral”, no dizer do seu neto. Ah, se ele soubesse que o salário também é ancestral! – Como dar conta das contas?

Eis que o neto lhe interrompe os pensamentos: Vó, ainda lembra que me prometeu um computador novo?

Mais essa agora!

E lamenta não ter feito matrícula no curso de Informática do NETI. Agora poderia estar capacitada a escolher o novo computador do neto.

Ela sabe muito bem que o NETI da UFSC, nos 30 anos de existência, tem fornecido aos idosos diversos meios de promoção, valorização e resgate de vida, na forma de cursos, oficinas e vivências. Ela mesma participa de alguns, mas não fez o de Informática. Além disso, como cumprir a promessa com esse salário jurássico, praticamente em “cruzeiros”, quando a crise é “real”?

...

Toca o telefone.

Uma amiga avisa que abriu um concurso literário comemorativo aos 30 anos do NETI e a convida a participar.

Ora, concursos, via de regra, oferecem prêmios compensadores, alguns até milionários, ao estilo “*reality show*”...

É possível que o alto prêmio do concurso lhe permita comprar o computador de última geração para o neto. Finalmente, uma luz ao fim do túnel! Ou seria um trem?

Pensando bem, antes de se frustrar mais uma vez com a possível recompensa, a exemplo do salário, melhor se resguardar e ver o que diz o Edital.

Santo Deus! É um concurso de crônicas!

Nunca escrevera uma crônica sequer. Afinal, sua experiência docente era em Matemática. Mas os olhos brilham em vista dos cifrões, enquanto a cabeça fervilha em função do tema. O que definiria uma crônica? Como escrevê-la?

...

O neto a chama de novo e, especificamente, lhe pede um “iPad”.

Que bicho é esse?

Devidamente informada acerca dos preços de mercado para o novo computador, em formato de prancheta digital, quase desmaia, quando o neto acrescenta: Tudo bem, vó. Pode ser um “iPod”!...

Ah! Isso era demais!

Não entender a nomenclatura é uma coisa, mas tecnologia com trocadilhos a subestimava! E se arrepende de, em todo esse tempo, ter sempre recorrido ao NETO em assuntos de informática. Ele é que

sempre acessa a INTERNET. Agora não pode ajudar no concurso do NETI, uma crônica pessoal e inédita. Também não dá para fazer o famoso “copiar/colar”, tão apreciado pelos jovens e que ela só sabe de ouvir dizer.

Escrever uma crônica a respeito do quê?

“NETI, neto e internet”, poderia ser um bom assunto, mas tão óbvio que certamente alguém já o teria escolhido.

Um elogio merecido aos professores requereria um texto perfeito. Como escrevê-lo? Alguém com muita experiência, como Zuê, Rute ou Marilda, suas inesquecíveis professoras de Português, sabê-lo-iam. E se pergunta se essa antiga professora sabê-lo-á, assim como sabe a Eloá.

Uma nova olhadela no Edital lhe sugere falar de velhice. Disso ela entende, mas conseguiria fazê-lo? Afinal, é muita velhice para três míseras páginas.

Outra opção?

Recorre, então, ao bom e velho dicionário e descobre que a palavra “crônica” se origina de “kronos”, o tempo.

Ah, se ela fosse o próprio tempo! Esse, sim, sabe escrever crônicas como ninguém! Crônicas com tudo aquilo a que têm direito: rugas, rugas, vivências, reminiscências, encontros, desencontros e reencontros, pontos e contrapontos.

Mais que uma crônica, isso daria samba! Porém, são muitas elucubrações literárias para sua formação estritamente matemática!

Pronta a desistir, mas com os cifrões da premiação ainda em mente, lembra-se do argumento da amiga: “Cavalo encilhado só passa uma vez”. Recordada ainda o velho ditado: “Não tá morto quem peleia”. Até o velho Barão Pierre de Coubertin lhe encoraja com seu bordão esportivo: “O importante não é ganhar, mas competir”. Tudo isso lhe dá forças para participar.

O carinho pelo neto, aliado à promessa que lhe fizera, enfim, lhe impõe arriscar e escrever.

Resolve, então, participar do concurso com seus meros esboços de crônicas, todos ainda apenas manuscritos.

Como que pisando em ovos, põe-se diante do computador a “catar milho” e “datilografar” seus manuscritos, quando percebe que o Edital requer texto digitado sob normas específicas: papel A4, fonte Arial, tamanho 12, margens milimetricamente definidas, “Word”... o que que é isso, meu Deus? Tudo muito complicado de fazer.

O requisito “pessoal” lhe impede de recorrer ao neto, desta vez. Resignada com sua inabilidade, definitivamente desiste do concurso. De fato, não sabe fazer uma crônica.

Da varanda, ela observa a última nesga de sol que se esconde no horizonte e vê sumir com ele a crônica que não conseguira escrever. Ao mesmo tempo conformada e triste, suspira demorada e dolorosamente. Até o último fio de ar.

...

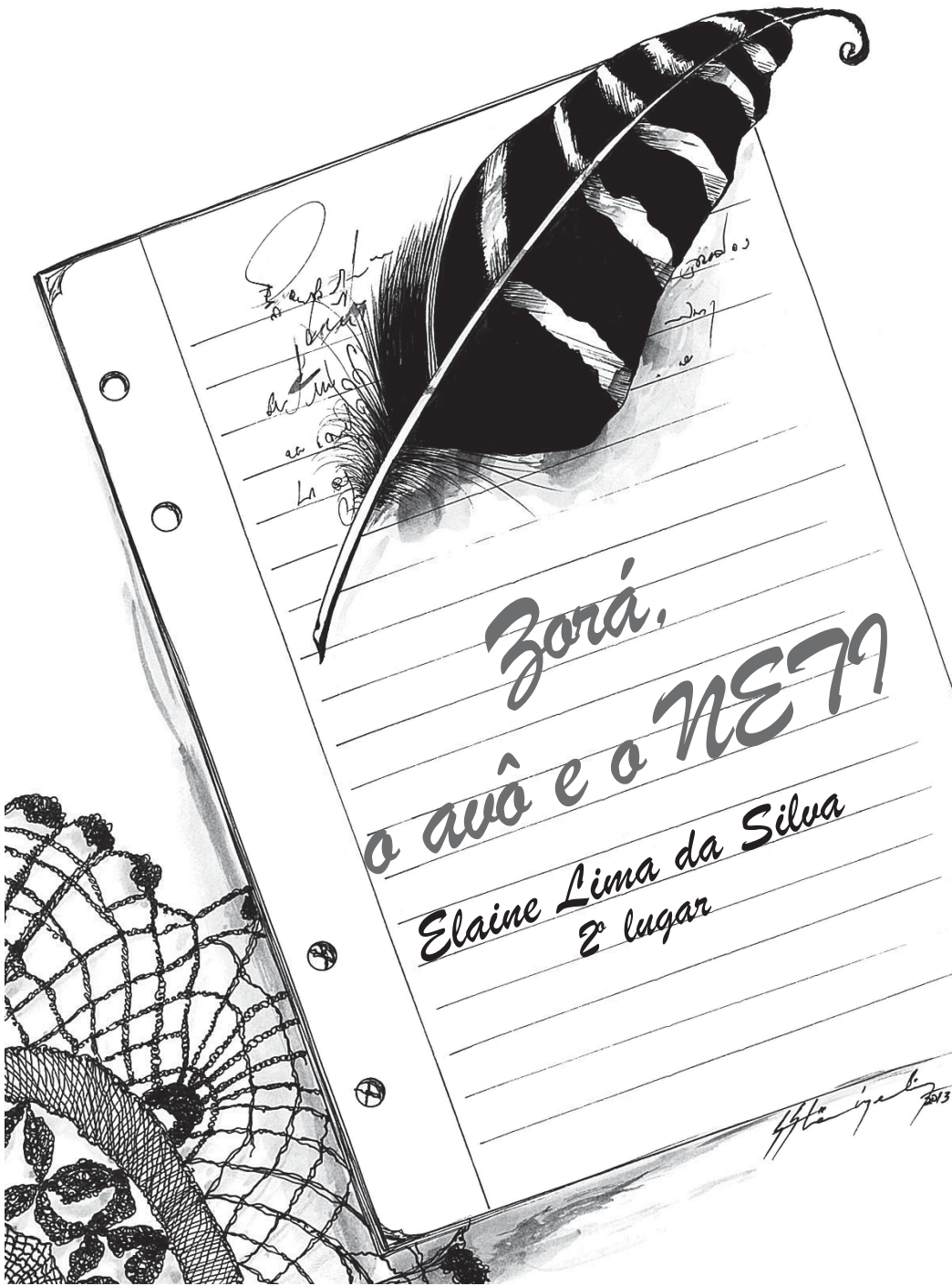
Súbito, um pensamento moleque, feito aquele mecanismo de defesa da psicologia – o da compensação –, transforma o suspiro triste num silencioso e maroto sorriso.

Bem que o Edital poderia aceitar que ela participasse do concurso com uma de suas crônicas já bem antigas. Embora não fossem inéditas, talvez merecessem até um prêmio tríplice, nas categorias gênero, número e grau: qualquer uma de suas... doenças crônicas.

Talvez desse certo.

E, se não desse: *Arzira! Azar da Arzira!*

(P.S.:... e não é que deu?!)



Sept 11  
1997  
Lima  
2º lugar

2º lugar

Zorá,  
o avô e o NE77  
Elaine Lima da Silva  
2º lugar

Elaine Lima da Silva  
2013



# *Zorá, o avô e o NETO*

*Elaine Lima da Silva*  
*2º lugar*

Zorá estava enrolada na cama como um feto, curvava-se para tentar aplacar as dores musculares, mas principalmente para dissuadir de sua mente todas as lembranças que a dominavam. Embora pouco fixas, essas iam e vinham, estabelecendo contato entre os fatos recentes e as sombras de sua vida vivida com o avô, aguçadas pelo cheiro da presença dele, um cheiro adocicado de remédio, pomada e chá de mace-la. Nas últimas noites mal dormira. Sentia nas costas o peso da tensão. Os remédios medicados pareciam não resolver o que seu avô sempre diagnosticava: “mas, e tem remédio pra velhice?”.

Há dois meses, João Maria tinha passado da condição de semiacamado para acamado. Naquele ano, iria completar cinco anos que ele residia na Ilha com seu filho mais novo, Josué. Na residência morava também Izaías, um estudante de Artes Visuais que nas horas vagas tocava violão. O avô, embora com dificuldades auditivas, sabia da habilidade do neto e costumava elogiar o menino dizendo que ele era “muito sabido, tanto cozinhava feijão como tocava

violão”. Josué, Izaías e Zorá revezavam o preparo das refeições, as trocas de fraldas, os remédios, o banho e a limpeza do quarto. Diagnosticada a anemia, a atenção redobrou: sucos e sopas eram servidos com mais frequência ao avô e o intestino já cansado precisava ser estimulado com leves massagens na barriga. João estava cada vez mais triste, reclamava de muitas dores em consequência dos quase 20 anos praticamente acamado. Algumas vezes foi encontrado caído no chão devido ao aparecimento das síncope, mas surpreendentemente nunca sofrera uma fratura. Padeceu com a constipação intestinal, a cistite aguda, a anemia alta, a gradual perda de seus movimentos, sua visão, sua audição e seu paladar. Toda a vida comera todo tipo de carne: veado, bugio, tatu, cutia, jacu e todo bicho que voasse, trepasse nas árvores, nadasse nos rios ou andasse pelos matos do planalto de Asa Branca. Comia especialmente as que caçava, mas isso foi até os 40 anos, depois disso, como dizia: “larguei mão de caçar, pois os bichos estão sumindo”. Mesmo quando veio para a Ilha, já com 92 anos, costumava ter no bidê, ao lado da cama, salames picados, balas de goma, bolachas de vários tamanhos e sabores. Uma a uma dessas guloseimas foi saindo pouco a pouco de seu alcance, tanto porque ele já não podia comê-las como também perdeu o interesse. Podia parecer estranho

um senhor com noventa e tantos anos comer tantas balas e embutidos, mas nunca ter diabete, colesterol ou qualquer outra doença, somente agora seus órgãos estavam dando sinais de desistência da vida. Quando chegou do sítio, vô João fez vários exames que foram atração no Hospital Universitário. Aquele velhinho possuía saúde melhor que a dos médicos!

Em seus estudos sobre velhice – iniciados pela afeição ao avô –, Zorá se aproximou do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI). O Núcleo e o vô João nunca foram apresentados, mas ambos, mesmo sem saber, influenciaram Zorá a direcionar sua vida acadêmica para a temática do envelhecimento. As leituras, os congressos, os conselhos e as conversas com os participantes do Núcleo determinaram o olhar de Zorá sobre a velhice e o envelhecimento do vô João; e esse, por sua vez, com seu saber-vida, sua sabedoria e generosidade, determinou a sensibilidade e o olhar da neta para as pessoas envelhecidas do Núcleo, motivando-a a continuar nesse caminho. Um caminho difícil de ser trilhado, em uma sociedade que tende a desprezar o velho, a velhice e o envelhecimento. A falta de interesse e atenção por essa fase da vida parece ser resultado do medo da finitude humana. O medo que temos de não sermos lembrados com a nossa inexistência, o medo de perder quem amamos.

Esse medo mais nos afasta do que nos aproxima de nossos velhos, como se preferíssemos matá-los antes da morte.

Zorá sabia que, devido às circunstâncias, o avô partiria logo. Essa triste certeza fora atenuada pela razão inexorável de nossa condição mortal, mas principalmente pelo contato com as pessoas do NETI, experientes em enterrar seus entes queridos. Muitos amigos e amigas de Zorá do Núcleo já haviam perdido seus pais, maridos e esposas, filhos, amigos e parentes; e Zorá compreendeu que gerações vão e vêm o tempo todo na vida.

No dia 7 de setembro, em uma repentina melhora, Zorá serviu ao vô João macarrão com molho de tomate e ovos estalados. Que mal poderiam fazer aqueles ovos? Uma má digestão? “comeu aquela refeição como se fosse a última”, “contou histórias e gargalhou como se fosse um príncipe” e “sentou na sua cama com seu jeito tímido”. Nesse mesmo dia, Dinorá, mãe de Zorá, fora visitar o ex-sogro que há muito não via. Mãe e filha plantaram rosas, lírio da paz e temperos verdes. Misturaram adubo a terra e molharam as folhas já secas das plantinhas que moravam na sacada do apartamento. Quando o ponteiro do relógio tocou cinco horas da tarde, elas dirigiram-se ao aposento do avô. Ele, um homem que lutava con-

tra a vergonha de ter que deixar a neta trocar suas fraldas, pediu desculpas, mas preferiria que somente sua “mãe” Zorá lhe trocasse. Foi a primeira vez que ele dirigiu-se à neta dessa forma. Dali em diante, ele até brincava com esse novo *status* e a neta, dependendo de sua sensibilidade, emocionava-se ou divertia-se com a troca de papéis. Zorá, porém, sabia da lucidez do vô João e, por isso, continuou lhe pedindo a bênção cada vez que lhe trocava. Percebia que estava muito magro; nunca fora gordo, é verdade, vangloriava-se disso, mas suas costelas e todos os seus ossos só não estavam expostos por causa da pele enrugada que os cobria. Zorá podia ver nitidamente as veias verdes e roxas. Um peso ainda persistia no corpo frágil, uma força conquistada por anos e anos como lavrador, num tempo em que só se andava a cavalo ou a pé. Segurava objetos com firmeza e, com as mãos e seus dedos compridos como aipim, fazia profecias com o dedo indicador em riste sobre o fim do mundo. Médicos e enfermeiros que o atendiam surpreendiam-se quase que apavorados com as profecias daquele homenzinho deitado, tão frágil e tão sábio, tão sério e tão sorridente ao mesmo tempo. Zorá e Izaías se divertiam com a cena e, no fundo, o avô também, pois percebia que tinha ao menos assustado aqueles que considerava jovens demais para lhe prescrever os

medicamentos. Cumprimentava-os e agradecia sempre, respondendo depois do “como vai?”: “eu, cada vez mais velho”. Dava um aperto de mão decidido e ágil como quem diz: “ainda estou aqui”.

No dia 14 de setembro, Zorá não tinha ido ao NETI em suas atividades de bolsista. Passara a noite no hospital com o avô e, em casa deitada sem conseguir dormir direito, pensava o que levaria à tarde para ele: meias novas, mais curativos, água boricada, seu rosário e crucifixo que ele ganhou no último Natal, quem sabe assim se sentiria menos longe do seu cantinho. Lembrou que, durante a noite no hospital, por um momento ela adormecera sentada na cadeira com as mãos apoiando a cabeça ao seu lado na cama. Despertou alguns minutos depois com a mão do avô lhe acariciando os cabelos com aquele olhar sem cor e doce e dizendo baixinho: “descanse, fia”.

Curvada sobre si mesmo, tal qual o avô inúmeras vezes fizera, deixando-se limpar pela “mãe-neta”, ela, Zorá, na manhã deste dia, subitamente, foi despertada de seus pensamentos com a notícia dada por Izaías e pelo pai, Josué, de que seu “avô-filho” havia morrido.



*Os meus  
sessenta anos*

*Antônio Felix da Silva  
3º lugar*

*Antônio Felix da Silva  
2013*



# *Os meus sessenta anos*

*Antônio Felix da Silva*

*3º lugar*

Numa linda manhã de inverno, iluminada pela luz do sol, depois de um banho matinal, olhei, distraído para o espelho de meu banheiro, e fiquei assustado com o que vi. Vi uma figura estranha e desconhecida ali refletida que não correspondia, de modo algum, àquela habitual que sempre admirei. Ela parecia me olhar sem afetação.

A figura possuía os meus traços fisionômicos; no entanto, não era eu, porque ela era muito diferente do que eu estava habituado a ver. Os cabelos estavam grisalhos, quase brancos. A barba, por fazer, estava embranquecida. O abdômen, com as pelancas ameaçando cair sobre o púbis, era assustador. Os músculos dos braços e das pernas, visivelmente flácidos, desmoralizavam minha reputação e virilidade. Concluí que aquela figura não era eu. Não poderia ser eu.

Olhei novamente para aquela figura ignóbil e fiquei extasiado, não conseguindo entender o que estava acontecendo naquele momento. Nunca antes em minha vida tinha visto alguma coisa assim, surgida do nada e querendo me forçar a reconhecer algo

que eu não queria reconhecer e até então nunca tinha percebido nem imaginado. À minha volta estava uma névoa clara, asfixiante, que parecia envolver completamente meus sentidos e minha vontade.

Foi envolvido por essa névoa que revi minha infância, as brincadeiras infantis, o carinho de meus pais e irmãos. A escola primária e minha primeira participação no jornalzinho da escola, em uma coluna intitulada “Você Sabia?”. Nessa coluna, eu explicava como escrever corretamente a palavra “açúcar” pela nova ortografia. O ginásio e meu primeiro contato com a música, com as línguas estrangeiras e, principalmente, com a História Geral, que me mostrou o Egito Antigo, cheio de mistérios e lendas, e a Pré-História, com o fantástico mundo pré-colombiano dos Andes e da América Central. O mundo deixou de ser o pequeno sítio onde nasci e se ampliava para o infinito. Fui tocado pela Fada Azul do Conhecimento, que nunca mais me deixou longe dos livros.

Tudo acontecia com uma velocidade incrível, impedindo-me de me fixar em qualquer fato vivido. Foi assim que revi minha primeira namorada, meu primeiro emprego, o curso superior, o casamento, os filhos até culminar com minha aposentadoria. A minha aposentadoria foi o ponto focal de tudo isso. A despedida dos colegas, a placa de prata de agradeci-

mento da empresa e a certeza de que deveria retornar para o lar para um novo recomeço. Que recomeço? Haveria um recomeço depois de tantas experiências marcantes? Isso tocou profundamente minha alma e, como uma ducha de água fria, me obrigou a voltar à realidade nua e crua. Compreendi e aceitei que naquela data, 24 de agosto, eu estava completando 60 anos de idade. Era um idoso.

Naquele momento, eu estava sozinho em casa. Acabava de me recuperar do susto, quando o telefone celular começou a tocar insistentemente na sala ao lado. Corri até a sala. Quase levei um tombo pela pressa e, com a voz trêmula, atendi:

– Alô? Quem fala?

– Oi, vovô? Sou eu, Mariana, sua linda neta. Estou com muita saudade de você.

Como dizem os jovens, agora a “ficha caiu”. Lembrei-me de minha neta Mariana, de quatro anos, que mora em um bairro próximo e que todo dia telefona dizendo que está com saudade e que me ama. Lembrei-me ainda de minha esposa, que saiu para assistir a uma missa na Igreja do Padre João. Era domingo. Era dia de futebol na televisão.

Tudo aconteceu tão rápido que perguntas infinitas fervilhavam em minha mente buscando respostas. Por que não percebi antes que envelhecia? Como isso

foi acontecer comigo, que sempre cuidei bem da saúde? O que irá acontecer comigo agora que descobri que sou um idoso? Deverei participar das mesas de dominó e baralho da Praça XV? Ou deverei passar toda a tarde em um bar tomando cerveja? E minha vida sexual? Dizem por aí que idoso fica impotente. Mas isso é lenda porque conheci jovens que sofriam com impotência e idosos de mais de 80 anos casando e tendo filhos. Eu mesmo, até ontem, me achava um jovem e nunca tive esse tipo de problema.

Mais tarde, quando minha esposa voltou para casa, estava acompanhada de minha filha Marta, de meu genro e de minha adorada neta Mariana. Foi uma festa só ver a família toda reunida. Por mais que eu me esforçasse, minha fisionomia devia estar diferente, porque a pergunta de todos foi quase unânime: O que aconteceu? Não pude esconder o que me afligia e disse lacônico: sou um idoso.

Meu genro Alberto, que estuda Medicina na Universidade Federal de Santa Catarina, falou distraído enquanto brincava com Mariana, que corria de um lado para outro:

– A UFSC possui há mais de 25 anos o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), que foi criado para colocar o conhecimento da gerontologia à disposição da comunidade, desenvolvendo estudos e

pesquisas, inserindo e promovendo as pessoas idosas no meio acadêmico, como sujeitos em transformação e agentes transformadores da sociedade. Você nunca ouviu falar disso?

– Confessei que não. Aliás, eu nem sabia que era um idoso.

Correndo de um lado para outro e fingindo não estar prestando atenção em nada, Mariana cantava:

– Vovô é idoso! Vovô é idoso!

– Meu sogro, o NETI valoriza o idoso e desenvolve atividades que demonstram que ser humano maior de 60 anos é uma pessoa detentora de vasto conhecimento e que esse conhecimento deve ser usado continuamente. Possui mais de 20 cursos que são oferecidos aos idosos como motivação para que eles possam usar seu conhecimento de forma prática e saudável.

– É necessário Vestibular para estudar no NETI? – Perguntei, quase aflito.

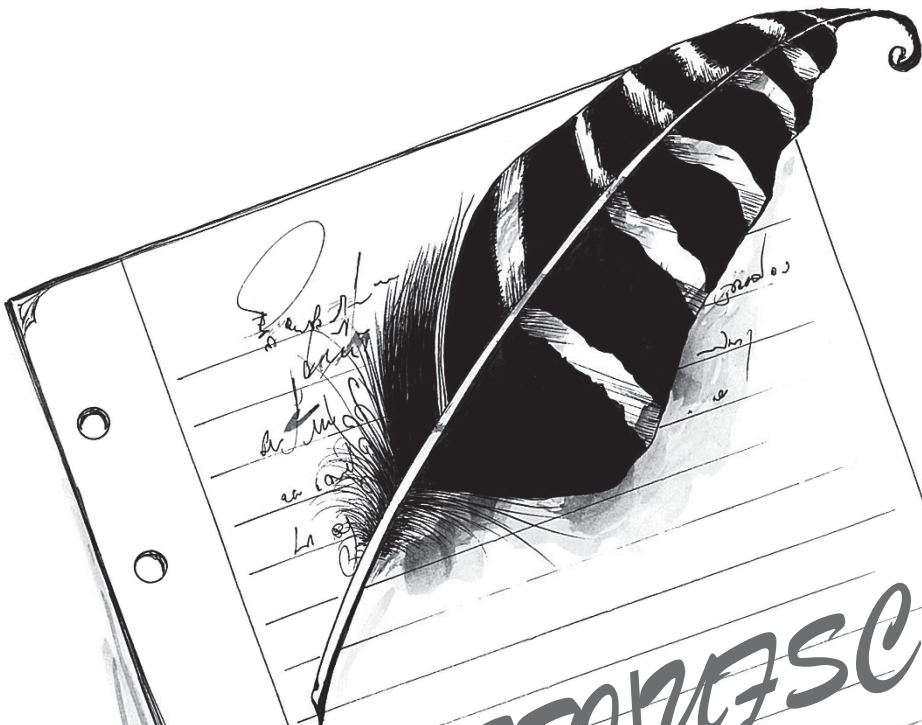
– Claro que não, meu sogro. Basta vontade, interesse e presença às aulas.

Não demorou muito e fui ao Núcleo. Escolhi o curso “Os avós na universidade”. Pensei que iria ter noções de como ajudar a criar os netos e fiquei surpreso. Aprendi muito sobre o desenvolvimento humano, do nascimento até a morte, e sobre relacio-

namento entre as gerações. Aprendi que os idosos devem amar incondicionalmente os netos, mas quem deve criar e educar são os pais. No final do curso, surgiu o livro “Registros de vida”, publicado com a história de vida de cada um de nós daquela classe.

Assim que terminei o curso, matriculei-me em outro chamado “Formação de monitores da ação gerontológica”. E uma nova janela se abriu na minha vida. Uma oportunidade para ação do idoso junto à comunidade. Esse curso qualifica as pessoas idosas em gerontologia e estimula a prática do voluntariado na comunidade. E meus estudos poderão continuar com o curso sobre cinema, contadores de história, línguas estrangeiras, entre outros.

Agora, devidamente integrado ao mundo maravilhoso da Terceira Idade, até esqueço que algumas rugas apareceram em meu corpo e que minhas atividades devem ter um ritmo menos intenso. Também não me incomodam os cabelos brancos. Afinal, sou o mesmo de sempre, apenas mais experiente, feliz e idoso.



ONETWESC:

uma escol(h)a

Acélio Richetti  
*in memoriam*

4/12/2013



# O NETO/NETA: uma escol(h)a

*Acélio Richetti  
(in memoriam)*

Estamos vivendo mais, e diversas pesquisas divulgadas pela mídia indicam que a esperança de vida segue crescendo no mundo. A longevidade é uma conquista nossa que aconteceu principalmente devido aos avanços em ciência e tecnologia. Fenômeno mundial e irreversível, o envelhecimento provoca profundas mudanças em todos os setores da sociedade. É a característica mais marcante do século XXI. Criar um ambiente favorável ao envelhecimento é tarefa também de governos, empresas e organizações não governamentais. Atualmente, há um número cada vez menor de netos para se relacionarem com um número cada vez maior de avós. A redução do número de filhos e o aumento da longevidade vêm causando essa desproporção.

Nas relações familiares, a presença dos avós na infância é especialmente importante. Crianças que têm seus avós por perto crescem mais felizes, estando em uma relação muito gratificante. Os avós podem contribuir para a formação da identidade de seus netos, pois são imagem da vida, das tradições e das

memórias da família. Embora não tenham mais a mesma vitalidade e energia da juventude, possuem mais paciência e tato para lidar com os pequenos. Além disso, eles geralmente ensinam conceitos morais e éticos para as crianças, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e responsáveis. Foi minha avó que me passou a doçura da vida, que me ensinou a ver as coisas boas e más. Ela também me ensinou a pintar tecidos, cozinhar e fazer tantas outras coisas. Meu avô escrevia divinamente e era fantástico em matemática. Com ele aprendi a escrever e fazer contas que somente ele, naquela idade, tinha sabedoria suficiente para tal.

Conviver com meus avós foi muito importante para a minha vida, tenho um carinho especial quando me recordo deles. Tenho pena desta nova geração que tem um conceito distorcido sobre os mais velhos, que acabam sendo desrespeitados e até mesmo ignorados. E os pais de alguns desses jovens compartilham dessa mesma ideia. Acredito que, se os jovens tiverem uma estrutura familiar, aprendem o respeito, a solidariedade e o amor às pessoas idosas. É preciso semear e cultivar o afeto, a educação, o diálogo e o suporte entre as gerações.

Os avós podem ter diferentes significados, dependendo da família em que estão inseridos. Cada

família é uma família. Uns poderão significar um suporte socioeconômico, outros poderão significar cuidados básicos, educação, e outros ainda poderão significar as duas coisas. Os avós também são muito importantes em fases difíceis da família, como, por exemplo, problemas econômicos ou divórcio; e, nessas situações, tendem a prestar mais apoio aos netos quando esses têm os pais separados.

Os netos são igualmente importantes, pois existem idosos que têm prazer em desempenhar o papel de avô/avó, e isso contribui para melhorar sua qualidade de vida. Dessa forma, avós e netos identificam-se e aproximam-se, e o convívio entre essas categorias etárias torna-se recheado de afeto e estima.

O curso “Formação de monitores de ação gerontológica” do NETI/UFSC representou um divisor de águas para minha vida pessoal. Tive oportunidade de refletir sobre o significado do envelhecimento e a relação que a sociedade tem com os idosos, principalmente sobre a relação entre jovens e seus avós. Embora não tenha netos, pude reviver memórias de um tempo atrás em que meus avós foram muito presentes na minha vida e o quanto essa convivência era gratificante.

Profissionalmente, com o meu ingresso no grupo de trabalho no NETI/UFSC, pude compreender a

grandiosidade de trabalhar com o grande número de idosos que frequentam os cursos atualmente oferecidos pelo Núcleo. As atividades diárias que desenvolvo são, em geral, administrativas. Entretanto, considero que foram e são importantes tanto para a minha satisfação pessoal como para a comunidade em geral.



Uma manhã  
de primavera

Ana Conceição de  
Souza Dias

4/12/2013



# *Uma manhã de primavera*

*Ana Conceição de Souza Dias*

Era uma manhã de primavera de 2012, em Florianópolis, minha linda ilha adotiva; fui adotada há 30 anos, quando vim de São Paulo, capital, para lecionar na UFSC. Não me encantei com a cidade à primeira vista, como a maioria dos paulistas.

Cheguei num dia chuvoso de julho de 1982 e desembarquei na antiga Rodoviária da Avenida Mauro Ramos, depois de mais de 12 horas de viagem, senti “um difícil começo/Afasta o que não conheço/E quem vem de outro sonho feliz de cidade/Aprende depressa a chamar-te de realidade/Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso”, como diz Caetano Veloso.

Naquela manhã fazia frio, ventava e chovia, e eu não havia trazido nem capa, nem guarda-chuva. Aqui, eu tinha uma mala; lá, eu tinha a minha casa. Realmente, naquele momento, para mim, o avesso de Sampa era Floripa.

O tempo foi passando e a cada ano eu fui amando mais minha ilha. Me acostumei com as estações do ano definidas, esperava ansiosa a chegada do verão

e, quando ele chegava, sentia saudades da temperatura amena da primavera e do friozinho do inverno. Quando visitava alguns parentes em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, onde no verão a sensação térmica chega a 50 °C, sentia saudades do “meu” vento sul.

A cada ano, talvez pela ação do homem, talvez pela própria natureza, talvez pela ação de ambos, o clima aos poucos foi mudando e as estações se tornando menos definidas. O que não mudava era o meu carinho por esta cidade. Eu já pertencia às duas cidades, à minha São Paulo, que, como canta Gilberto Gil, me deu “régua e compasso”, e à minha Florianópolis, onde pouco a pouco fui traçando meus caminhos e construindo amizades que permanecem até hoje. A UFSC foi um dos espaços mais democráticos em que trabalhei.

E, assim, os anos foram se passando... Minha filha estudou desde o NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil) da UFSC até a graduação, ao mesmo tempo que fazia outro curso na UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina).

Minha filha foi crescendo e, enquanto eu a via aprender, amadurecer, namorar, chegou o momento da minha aposentadoria. Repentinamente, me vi diante de um dos maiores dilemas da minha vida:

“Daqui a um ano, ou continuo trabalhando e perco a aposentadoria equiparada aos militares, concedida no governo de José Sarney, ou então me aposento como Professora Titular”.

Gosto muito de ser professora, sempre me senti privilegiada por ter um trabalho que sempre me apaixonou, em que a cada desafio de uma nova disciplina ou de um novo projeto de estágio, pesquisa ou extensão eu aprendo cada vez mais.

A angústia e a ansiedade daquele ano foram imensas; mas naquela época eu vivia sozinha e tinha a responsabilidade de criar e educar minha filha. Como eu já ministrava alguns cursos de especialização na UDESC e tinha a possibilidade de vir a lecionar na graduação, me decidi pela aposentadoria. Recebi uma placa de prata dos meus colegas e dos funcionários tão queridos que sempre colaboraram comigo.

Na época, eu ocupava um cargo administrativo que passei para uma colega, minha ex-aluna, hoje pró-reitora e minha amiga. Durante um mês, fui ao Departamento quase todos os dias, mas, aos poucos, fui me afastando e assumindo compromissos com outras instituições, como a UDESC e a FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau). Fui convidada para fazer o projeto pedagógico e a implantação de dois cursos, um em Foz do Iguaçu e outro em Fortaleza.

Um dia, quando estava em um congresso em Brasília, recebi um telefonema de São Paulo: “minha mãe estava com uma doença muito grave”. Devagar, fui finalizando minhas aulas, supervisões e projetos, e disponibilizando meu tempo para ir a São Paulo, quando necessário. Durante 10 anos, meus irmãos e eu nos dedicamos aos seus cuidados e bem-estar. Não consegui trabalhar nem estudar formalmente, mas li e estudei muito, me atualizando constantemente. Em meados de 2010, minha mãe faleceu.

Após seu falecimento, quando “voltei a mim”, me olhei no espelho e não reconheci a imagem nele refletida. Onde estava a jovem magra e bonita? Aquela imagem não era eu. Eu era a mulher do porta-retratos da sala, não aquela do espelho. Eu me sentia a versão feminina e avessa de Dorian Gray, o famoso personagem de Oscar Wilde.

O que fazer? Sentia muita vontade de voltar à ativa. Mas como seria a volta da “velha senhora” para o mundo do “*power point*”, do “*data show*”, do “facebook” e do “moodle”?

Um dia, entrei no *site* do NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) da UFSC e vi os cursos que eram oferecidos. Me matriculei em um curso e depois em mais dois. Me apaixonei pela gerontologia. Ao mesmo tempo que estudava o processo de envelhe-

cimento do “outro”, ia compreendendo e aceitando o meu próprio envelhecimento; já conseguia olhar minha foto na Carteira de Habilitação e, em vez de ver uma “velha feia”, via uma mulher autônoma que dirigia seu próprio automóvel.

Aos poucos, fui perdendo o “medo da máquina fotográfica” e tirando fotos com os meus colegas (alguns já se tornaram grandes amigos), com os funcionários, com os professores tão queridos e com a afetuosa coordenadora do NETI.

Todos esses acontecimentos passaram em minha mente como em um filme, naquela manhã de setembro a que me referi no início, enquanto caminhava em direção ao NETI pisando em folhas secas (pois, em plena primavera, já havíamos tido dias muito quentes), quando as flores brotaram e as folhas ficaram mais verdes, dias menos quentes e agora dias frios, com as folhas caídas no chão.

Senti uma estranha sensação de bem-estar. Havia ido ao banco e encontrado alguns amigos, uns já aposentados e outros pensando na aposentadoria. E, quando cheguei ao NETI, onde ia encontrar um grupo de colegas para discutir um trabalho que apresentaríamos em grupo, voltei a me sentir privilegiada. Estava iniciando essa nova fase da minha vida estudando, participando de congressos, seminários

e encontros, e principalmente sentindo prazer em aprender e compartilhar com pessoas que, como eu, aprenderam que “viver é lutar”; uma luta sem armas, sem escudos, uma luta com ideias e projetos.

E naquela manhã de primavera outonal, quase invernal, começou a soprar o vento sul...



*Ressignificando*

*Ana Márcia  
Medeiros Jabor*

*4/12/2013*



# *Ressignificando*

*Ana Márcia Medeiros Jabor*

Não faz muito tempo considerava-me uma estranha no ninho. Percebia-me à parte deste mundo moderno, loucamente informatizado, onde tudo vai acontecendo de forma célere e impactante. Buscava, sem sucesso, entender e interagir em meio a uma avalanche de informações, novos comportamentos, questões inquietantes, situações inusitadas. Tal estranhamento deixava-me paradoxalmente encantada e desconfortável.

Professora ativa e inquieta por 25 anos do ensino fundamental, sempre ávida por tudo que concerne à educação, via com certa melancolia essa criatura lenta e alijada de tudo que me tornei. Sempre me surpreenderam a velocidade e as maravilhas da tecnologia. Ficava perplexa diante da familiaridade fantástica de nossos jovens com computadores, iPads, iPhones, câmeras digitais e toda parafernália eletrônica que prolifera à nossa volta! E o que dizer dos casais em tenra idade em seus relacionamentos afetivos ainda em fase de conhecimento mútuo? Interrompem com absoluta naturalidade, se ne-

cessário, e partem em busca de novos pares! E a globalização? Essa não delimita fronteiras. Não existem barreiras nem obstáculos. Os desafios se multiplicam, e a meta é ultrapassá-los.

O mundo mudou. Para ser mais explícita, o mundo vai numa velocidade assustadora. A vida segue seu ritmo frenético. Constatro que nós, pessoas ainda com marcas vívidas do século passado, precisamos fazer parte dessa ebulição e seguir o fluxo, sob pena de sermos atropelados.

“Preciso descobrir algo que me ressignifique a vida”, pensava. Busquei respostas. Questionei muito. Refleti.

Confesso que a efervescência de algo novo começou quando vivenciei a mágica experiência de ser avó. Graças à minha facilidade em criar enredos e roteiros mirabolantes povoados por príncipes, castelos, monstros, bruxas e florestas aliados às minhas caras e bocas, que sempre me foram um traço marcante, ensaiei meus primeiros passos na contação de histórias. Minha decisão não tardou. E, numa tarde de abril de 2011, entrei para o curso “Contadores de histórias” do NETI.

“Ressuscitei” a velha professora, que resgatou em suas memórias seu valioso “quadro/giz”, ferra-menta a ser repaginada, e, como não poderia deixar

de ser, agregou o laboratório vivido com os netos.

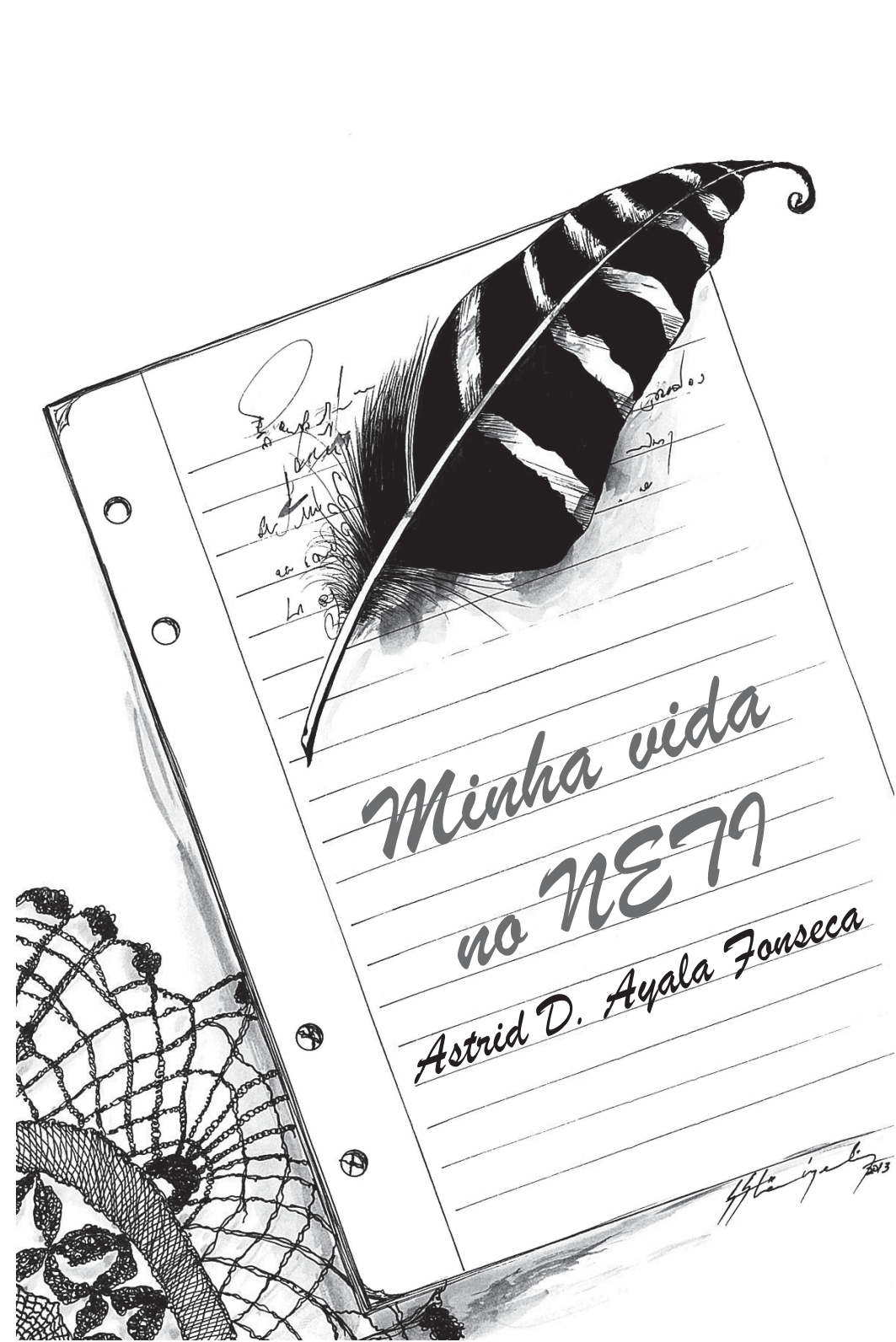
Foi então que entendi que precisava fundamentar e lapidar esse material bruto e precioso que continha minha alma. Em algum momento iria aflorar.

Não vou negar! Saboreei as primeiras saídas a campo em creches e escolas com o entusiasmo de adolescente! Socializar com o grupo de contadoras de histórias, conviver e aprender com as diferenças individuais foi algo profundamente enriquecedor. Hoje vejo que a agilidade de estar conectada conhecendo alguns “mistérios” da informática facilita e agiliza.

Fazer releituras de histórias, preparar material, dar vida a personagens e soltar a imaginação têm sido uma entrega. É quando percebo que consegui ser uma pessoa menos rígida, sensível e inteira, acompanhando e entendendo as mudanças deste tempo.

Ressignifiquei-me. Eis o que sinto. E, sobretudo, levar entretenimento, alegria, carinho e leveza às crianças, aos adolescentes e aos idosos deu-me sentido a este novo ciclo de minha vida. Revigorou-me o espírito, deixando-me de alma preenchida e mostrando que ainda posso contribuir para a construção de um mundo melhor.



A black and white illustration of a notebook. A quill pen with a striped pattern is positioned diagonally across the top half of the notebook. Below the quill, the title 'Minha vida no NE79' is written in a cursive script. The author's name 'Astrid D. Ayala Fonseca' is written below the title. In the bottom right corner, there is a signature and the year '2013'. The notebook has three binder holes on the left side. In the bottom left corner, there is a small illustration of a fishnet and a floral pattern.

# Minha vida no NE79

Astrid D. Ayala Fonseca

Astrid Ayala  
2013



# *Minha vida no NETI*

*Astrid D. Ayala Fonseca*

Difícil expressar em poucas palavras o que as cinco fases do curso de monitores, oferecido pelo NETI, modificou minha vida. Muitas foram as disciplinas que tocaram nossos corações e nossas cabeças.

O Núcleo pode ficar satisfeito quanto às suas propostas e objetivos, pois seus alunos alcançaram até aqui um grande crescimento intelectual, espiritual e social. Confirmamos que o idoso pode aprender durante toda a sua existência, é só querer.

Nosso primeiro degrau foi terrível, cheio de dúvidas. O primeiro encontro, desconfiado. O que será que estou fazendo aqui? Será que entrei pela porta certa? Eu entrei, tenho certeza. Não posso testemunhar por meus colegas, mas tenho certeza de que era isso que eu queria. Fui levando, fui subindo cada degrau, sentindo que chegaria lá. Serei multiplicadora de ações gerontológicas, e nossos idosos terão em mim mais uma voluntária a ouvir seus problemas, suas histórias, suas vivências.

Meus primeiros passos foram lentos. A Sociologia não me deixou muito à vontade, embora os

professores tivessem uma grande experiência. Essa primeira disciplina foi recompensada com as alegres Dinâmicas I e II, com professores de franciscana paciência que mostravam o caminho da convivência mútua e do coleguismo.

Veio a disciplina de Antropologia, a curiosidade do homem pelo homem de pesquisar tudo. O professor foi superlegal, acompanhando o grupo. Saímos prontos para fazer pesquisa de campo com visitas a asilos, conseguimos saber seus hábitos asilares, seus sonhos e suas mágoas. Muitos não são sinceros em seus depoimentos, poupando seus familiares em tudo, porém se sentem felizes mesmo em suas mentiras.

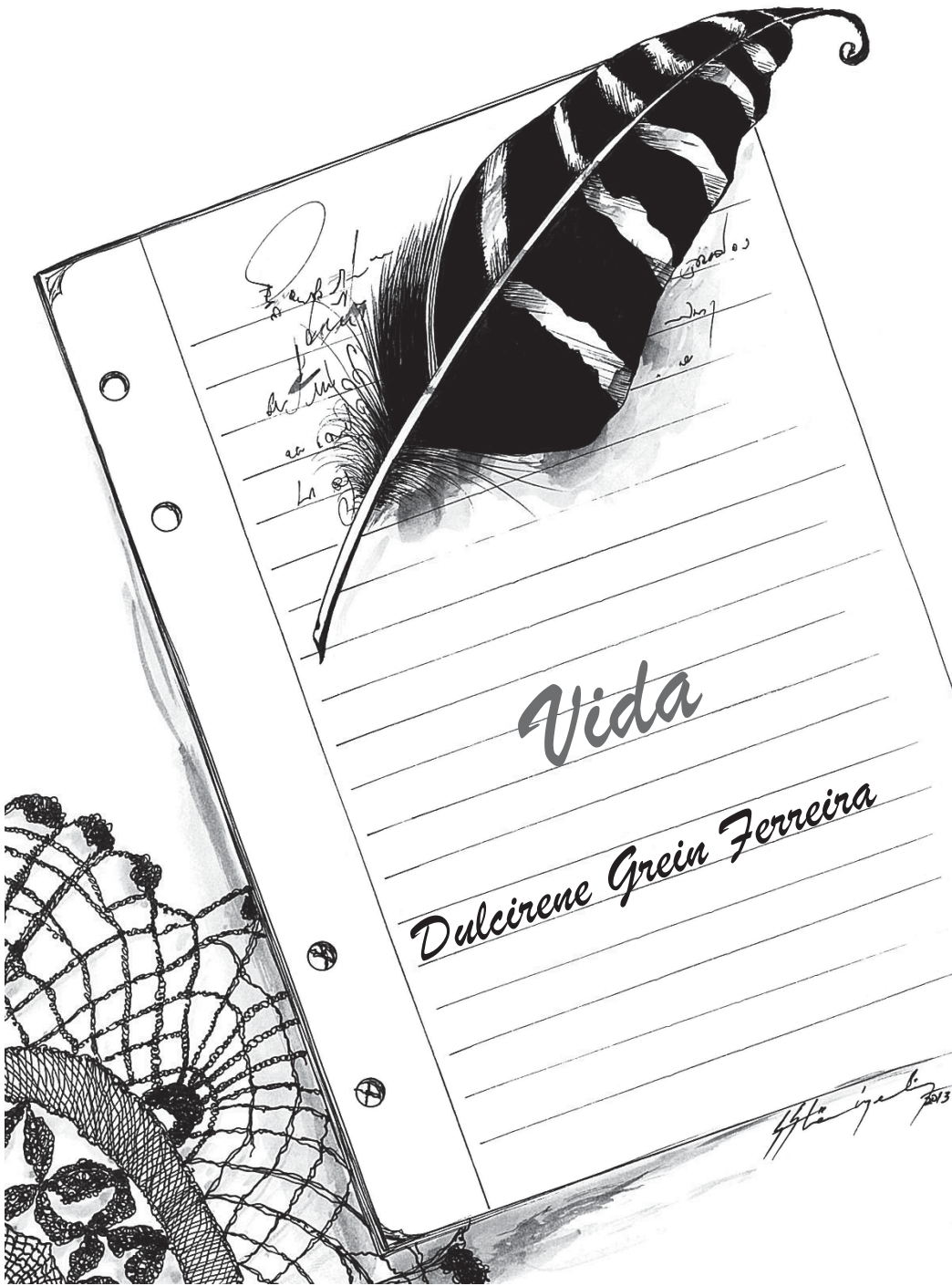
Com a disciplina de Direito, consegui saber de nossos direitos, nossos deveres e nossas obrigações. Apendemos a ser cidadãos conscientes e mais esclarecidos, enfim, cidadãos.

Na disciplina de Saúde, muito esclarecedora, tentamos saber o que acontece com o corpo na nossa idade. Fomos orientados a ter uma vida saudável, com exercícios físicos e muita caminhada.

No estágio, tive a sorte de escolher dois colegas com os quais consegui resgatar uma linda tradição açoriana, o Pão por Deus. Tivemos o auxílio de um grupo de Terceira Idade do Rio Vermelho, que, com emoção, aceitou nos ajudar em nosso trabalho.

Adotei o NETI como uma segunda casa na qual até hoje dou minha contribuição como voluntária, agradecendo a Deus pelos ensinamentos aqui adquiridos.





Vida

Dulcirene Grein Ferreira

2013



# Vida

*Dulcirene Grein Ferreira*

O pôr do sol estava lindo. Era naquele cantinho da praia de Cacupé, perto das pedras, que eu gostava de ficar. Olhei com olhos embevecidos o pôr do sol que julguei ser o mais lindo da Ilha da Magia, a bela capital catarinense, Florianópolis. Ali sentada, enquanto me deliciava ao ver os tons avermelhados riscados no céu, é que meu pensamento voou alto. Lembrei-me de que, quando ouvi falar pela primeira vez no NETI, senti uma vontade incrível de fazer aqueles cursos recomendados, com entusiasmo, por pessoas que já haviam tido a sorte de participar. Pensei que demoraria muito tempo para poder entrar em algum daqueles cursos. Afinal, a idade mínima era 50 anos e eu nem havia ainda completado 40. Então, numa manhã comum de um dia comum, estava tomando café da manhã com meu marido e assistindo ao jornal matinal quando uma notícia chamou atenção: estavam abertas as matrículas para os cursos do NETI. O repórter dava os detalhes, quando levei um susto e exclamei para o meu marido: “Nossa, já estou com 50 anos, já posso entrar nos cursos do NETI”.

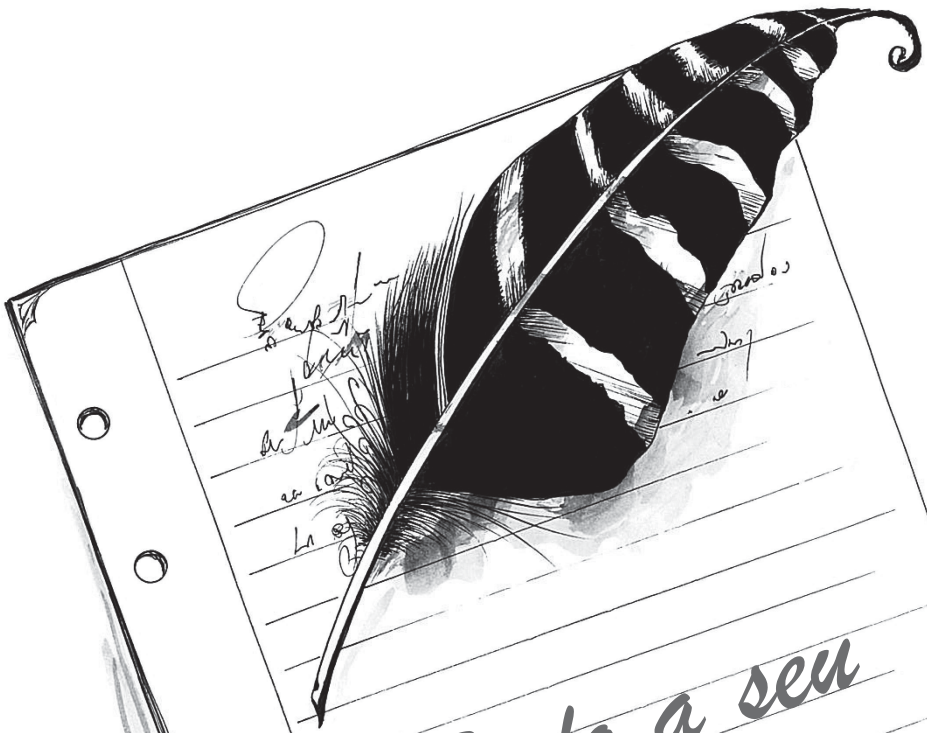
O tempo não apenas passara, e sim voara. Um misto de alegria e tristeza foi o que senti. Alegria, porque já tinha idade para entrar nos cursos; tristeza, porque já estava com 50 anos. Afinal, eu era como todos. Queria viver e não envelhecer, o eterno paradoxo da vida. No primeiro curso em que me matriculei, “Avós na universidade”, era a caçula do grupo. No curso seguinte, “Autoconhecimento”, também continuava sendo a caçula do grupo. No terceiro curso, “Contador de histórias”, já não era mais. Ao mesmo tempo, me matriculei no “Cinedebate”. Cada curso, com sua própria dinâmica, com seus professores maravilhosos que me encantavam e me faziam rever minha vida, minha história de dedicação à família, ao marido, aos filhos, à mãe e aos irmãos. Achava que era feliz. Sabia que há muito tempo havia renunciado à vida profissional para me dedicar à família. Achei que tinha valido a pena. Lembrei-me de que, quando fiz a escolha, pensei que era essa a forma de ter um casamento equilibrado, pois meu marido era muito ciumento e possessivo. Achei que, se administrasse meu lar como uma empresa, criasse meus filhos com toda a dedicação que meu coração me pedia, teria garantias de felicidade. Sentia-me plena como mãe. Deus havia sido generoso comigo. Deu-me a bênção de ser mãe de três lindos homens. Bonitos na aparência e

maravilhosos no coração. Mas os problemas começaram a surgir. Sou falante, alegre, bem-humorada. Havia o contraste com o meu marido. Ele começou a se afastar de mim. Sentia ciúme das pessoas que me rodeavam, dos filhos, das coisas nas quais eu me envolvia. Nos cursos do NETI, comecei a enxergar minha própria vida, meu próprio “eu”. Comecei a sentir a síndrome do ninho vazio. Meus filhos mais velhos haviam casado. Tinha ficado o caçula. A casa já não era tão barulhenta, nem havia tantas pessoas circulando por ela. Pensei que, se o tempo passasse e meu marido visse que eu estava ali, fiel ao seu lado, tudo ficaria para trás. Mais um engano. A vida não estava indo na direção que pensei. Havia um grito sufocado na garganta por tantas coisas sonhadas e não concretizadas. Senti falta do companheiro, do amigo, do amante. Veio a doença do meu marido. Atravessei aquela etapa da vida como se cumprisse uma missão. Achei que, quando a turbulência passasse, teria a recompensa de ter novamente o meu amado de volta. Mas ele afastou-se. Não era mais capaz de se doar. Estava cansado. Queria apenas viver sua vida sem ninguém para perturbar. Não queria rever a relação, não queria investir na vida a dois. Estava bom assim para ele. Ficamos cada vez mais afastados. Para mim, estava impossível continuar. Tinha sede de vida, de

alegria. Ouvia e guardava no coração os ensinamentos aprendidos nos cursos. A postura diante da vida. A vida que não para. E, como não para, está sempre mudando. Meu neto chegou, trazendo ao meu coração a alegria de me tornar avó. Relação especial essa entre netos e avós. A alegria chegou novamente à minha casa. Os momentos de alegria eram muitos, mas a solidão começou a se tornar concreta. Solidão. Palavra tão comentada nos dias atuais. Sentimento tão vivido por inúmeras pessoas. Aprendi nos cursos de que participei a ter voz e presença. Não queria mais ser invisível. Tinha me doado demais, queria agora viver. Viver intensamente todos os papéis que a vida me deu. Filha, irmã, esposa, mãe, tia, sogra, avó, nora, cunhada e todos os outros papéis que me eram destinados. Mas também queria viver meu papel individual, como pessoa, com minha própria identidade. Vi que, para viver esse papel, com intensidade, não poderia mais viver um casamento frio e distante. Não consegui mais viver com a indiferença. Fiz a opção. Agora estou sozinha. Tenho a companhia do meu filho caçula e, quando a casa fica cheia com os outros filhos e neto, meu coração se alegra. Tenho muitos motivos para me sentir feliz. O sol havia ido embora. Levantei-me e fui caminhando lentamente para casa. Nos meus olhos, a alegria de alguém que se

encontrou. Encontrei minha voz e minha identidade. Encontrei nas salas do NETI, no carinho dos professores e nas novas amizades o meu próprio eu. Sei que ainda tenho muito a viver. Afinal, estou no início de uma nova vida...





Tudo a seu  
tempo

Elna de Oliveira Silva

4/12/2013



# *Tudo a seu tempo*

*Elna de Oliveira Silva*

Sendo a filha mais nova, nasceu quando os pais já tinham pouco mais de 40 anos. Trabalhadores de sítio, tinham a pele maltratada pelo sol, parecendo ser mais velhos. Ela os respeitava, mas não gostava de vê-los cansados e sempre se queixando de alguma dificuldade.

A piada que ouvia quase sempre menosprezando os velhos a deixava triste. Amava os pais e se sentia muito amada, por isso se preocupava com a fragilidade deles.

O medo de envelhecer sem realizar os sonhos a tornou uma menina ansiosa; cresceu querendo que todos os seus desejos fossem satisfeitos rapidamente antes que a velhice chegasse. O resultado foi um casamento aos 16 anos, com o nascimento da primeira filha aos 17. Felizmente, o marido era jovem, um pai presente e trabalhador que ajudava muito nos cuidados e na educação dos filhos. Formaram uma grande família.

A maior preocupação de Maria era ficar velha ou morrer deixando filhos pequenos. Nas orações, pedia

a Deus que não morresse antes que seu último filho tivesse 15 anos. A luta para criar e educar a prole não foi fácil, não tinha tempo para pensar na idade, mas tinha sempre em mente uma canção popular da época que dizia: “A vida começa aos 40 e a velhice aos 41. Você que nos 40 vai entrar, aproveite a vida que a velhice vai chegar!”.

Cantava se divertindo, mas não disfarçava a preocupação. Quando a última filha completou 15 anos, percebeu que já estava com 52 e não se sentia acabada. Os anos passaram, os filhos cresceram, alguns se casaram, outros viajaram a trabalho ou estudo. Maria, com tristeza, começou a sentir-se velha e cansada, mas ainda com saúde e força para cuidar do marido que estava gravemente enfermo. Foram 10 anos que, com a ajuda dos filhos que moravam na cidade, ela passou só se preocupando com o doente, que precisava de toda atenção e assistência. A depressão e a sensação de inutilidade chegaram logo que ficou viúva, perdeu toda a alegria que lhe era peculiar e motivação para viver.

Os filhos a cercavam de cuidados, mas, sem querer incomodar, não falava de seus problemas e se ocupava, o mais que podia, com trabalho doméstico, artesanato e jardinagem, só saindo de casa para fazer compras, visitar os médicos e os filhos. Não demorou

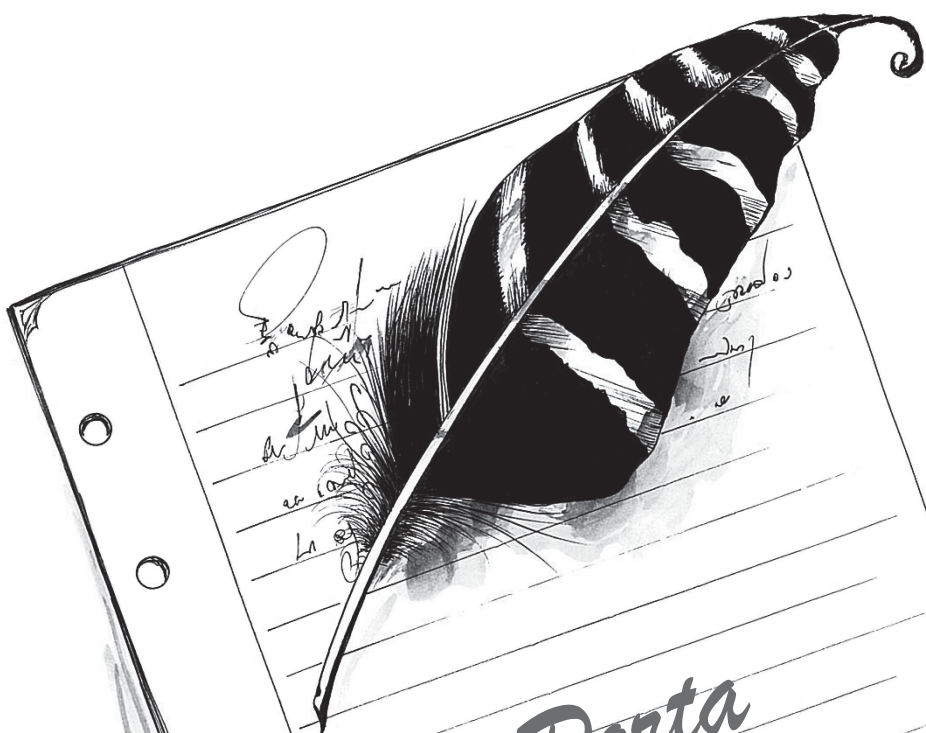
muito para sentir as consequências: dores no corpo e depressão aumentada. Então pensou: “se tenho de continuar vivendo, que seja com boa qualidade”. E resolveu, então, participar da ginástica da Terceira Idade na UFSC. Lá conheceu pessoas mais idosas que ela participando de atividades físicas e mentais, com boa disposição para sair, conversar e se divertir, coisas que não tinha vontade há muito tempo. A convivência com o grupo e as novas amizades mudaram sua vida. Conversando com colegas, se informou sobre os cursos do NETI.

Maria ficou sabendo que poderia participar de programas criados para atender às necessidades das pessoas idosas que, como ela, quisessem ter vida ativa, com saúde e respeitando os limites da maturidade. A alegria de viver voltou com a possibilidade de participar de vários cursos, de idiomas, contadores de histórias, dança, canto e ginástica, com professores pacientes e dedicados.

Hoje, Maria vive quase feliz, conquistou boas amizades e tem consciência de tudo o que precisa para ocupar o tempo com criatividade e bom humor.

Não se preocupa mais com os anos passando rápido e nem se lembra de que já passou dos 40 há muito tempo.





Porta

de vidro

Inês Carmelita Lohn

2013



# *Porta de vidro*

*Inês Carmelita Lohu*

Tudo parecia estar perdido. Pensava silenciosamente: não consigo deixar marcas dos meus passos nos caminhos por onde andei. Esses lugares já estão todos desertos e cobertos pela poeira dos tempos vividos. Os anos haviam passado e, junto com eles, os sofrimentos fizeram a vida ficar completamente acinzentada pelas decepções. O coração estava partido em mil pedaços, feito trapo, por escolhas erradas e pelas perdas de pessoas próximas e amadas.

Mas deixa estar.

De repente, algo novo surgiu.

Numa manhã de verão, estava eu passando por um jardim. Ao longe, avistei uma porta de vidro; uma sensação muito forte me atraiu àquele lugar. Timidamente, amedrontada, tomei coragem e atravessei aquela porta.

Do outro lado, pessoas educadas e de corações generosos me acolheram. De mãos estendidas, deram-me boas-vindas.

Então, comecei uma nova etapa da minha vida. Aposentada, com tempo livre, sem compromissos

profissionais a cumprir, fiz novas amizades. A partir daquele momento, pude desfrutar de meu envelhecer de maneira mais saudável, ao lado de pessoas que compartilham os mesmos objetivos de vida, que buscam no aprendizado a melhor forma de lidar com a mente e com os inevitáveis sinais do avanço da idade.

Com todo aquele carinho, atenção e respeito, magicamente minha memória começou a reviver os fragmentos da minha vida e passei a contar minhas histórias. Revirei meus guardados, fiz inúmeras viagens à tenra infância e lá descobri tesouros esquecidos, ou melhor, adormecidos em secretos santuários.

Desde então, de fato, minha vida modificou-se, ganhando cores que brilham como o sol de verão no seu mais belo esplendor.

Certo dia, escutei uma professora falar sobre os “quatro pilares”; naquele momento chovia muito e eu me contorcia em desespero dentro do casulo íntimo de minha existência. Semeada pela ingenuidade, dei asas a uma fértil imaginação: vi-me regressando ao estado fetal e dali renasci para um novo recomeçar. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, senti uma transformação profunda em minha alma que se propagou dentro desse corpo surrado pelo tempo. Essa emoção, que agora anuncio, foi vivida em silêncio, pois não tinha com quem partilhar, já que todos à

minha volta estavam envolvidos com a aula proferida e, de tão interessante, não perceberam que eu estava chorando. Ou, quem sabe, eles também estavam em estado de transformação e eu é que não percebia o que estava ocorrendo naquele singular momento.

Naquela noite, quando voltava para casa, ficou evidente de que eu deveria ser, novamente, a pedra angular da minha existência. Então pensei: com a ajuda do Núcleo de Estudos da Terceira Idade, vou encontrar forças suficientes para construir meus quatro pilares e viver melhor comigo mesma e em sociedade.

Na realidade, minha vida de sofrimento já havia se apagado completamente. Nada dela tinha restado, a não ser um corpo envelhecido. Senti-me reestruturada com os novos conhecimentos adquiridos e preparada para lutar por minha vida e não mais apenas sobreviver para não morrer.

Descobri dentro mim um ser sonhador que grita constantemente por vida, que quer ter uma visão de mundo metafísica, por meio de janelas nas quais a luz de cada amanhecer traga a eterna renovação do espírito e do corpo, não importando a idade que eles tenham.

Hoje, quando entro por aquela porta de vidro do NETI/UFSC, não vejo mais a vida acinzentada,

e sim colorida, brilhante e bordada.

Admito, humildemente, que ainda tenho muito que aprender sobre os “quatro pilares da existência de um ser humano”, mas já sei brindar a vida na idade madura de uma forma bem equilibrada. Com as boas recordações, dou gargalhadas; com as tristes lembranças, faço piada; e rio de mim mesma pelos erros cometidos ao longo da minha estrada.

Amizade  
em todas  
as idades

Quone da Costa Tonon

Quone da Costa Tonon  
2013





# *Amizade em todas as idades*

*Ivone da Costa Tonon*

Rita era uma menina tímida. Morava com os pais na periferia de uma grande cidade, num terreno onde havia pomar, horta e algumas aves. Desde os cinco anos de idade, ela tinha como amigas a Ester, que já está na glória de Deus, a Judith e a Matilde. Em idade escolar, iam de manhã para o colégio e brincavam todas as tardes juntas. O tempo passou depressa, a timidez se amenizou e cada uma tomou caminhos diferentes, ficando boas lembranças da infância.

Veio a adolescência. Naquela época, as meninas tinham de aprender a cuidar da casa, lavar e passar roupa, e cozinhar. Rita terminou a quarta série aos 12 anos e, para ajudar os pais, foi trabalhar em uma confecção na qual aprendeu a costurar com todos os tipos de máquinas. Nesse ambiente de trabalho, Rita tinha como amiga uma portuguesa, Terezinha. Que pessoa maravilhosa! Ela gostava de cantar e deu umas aulas de canto a Rita. Uma das melodias favoritas soava assim: “Ai, como é bom gostar de alguém, sofrer e amar. Ai, como é bom gostar de alguém. Ouvir dizer que sou feliz como ninguém”. Voltar a frequentar a

escola estava fora de cogitação. Por isso Rita cresceu frustrada, sem incentivo para continuar os estudos.

Ao completar 17 anos, ela saiu da firma para casar, ou melhor, para ser casada. Inexperiente, ainda muito tímida, o casamento foi outra frustração. Sem amigas com quem partilhar o que se passava em seu íntimo, o casamento se desfez, tendo durado apenas quatro anos, período em que teve dois filhos. Apesar da pouca idade, sempre cuidou muito bem, com carinho e dedicação, dos bebês. Coitada! Foi a pior fase da vida. Sem estudos e com dois filhos pequenos, qual rumo dar à vida? Assim como acontece com tantas famílias, Rita não teve alternativa e voltou para a casa dos pais. Depois de um ano só chorando e se lamentando, sem fé e sem razão, deprimida e sem saber o que fazer da vida, ela finalmente acordou e saiu à procura de meios para aliviar sua angústia. Decidiu voltar a estudar e fez datilografia e um curso supletivo. Reanimada, foi procurar emprego. Voltou para a mesma confecção donde havia saído para casar. Foi bem recebida. Era estimada por todos e, em pouco tempo, lhe ensinaram toda a rotina do escritório. Para ajudá-la, tinha como colega a Laurinda, uma pessoa sensacional que, além de profissional, logo se tornou amiga e confidente, dando-lhe incentivo e apoio em sua vida até então palmilhada de frustrações.

Foi uma amizade maravilhosa. Essa amiga foi uma dádiva de Deus. Sabia escutar, apoiar e aconselhar de maneira correta.

“Todos vivemos sob o mesmo céu, mas ninguém tem o mesmo horizonte.” Cada pessoa tem um jeito muito particular de enxergar a vida e os seus problemas, de acordo com o seu próprio estilo, com o seu próprio horizonte. Rita foi superando todos os obstáculos no seu caminho. Quando os filhos estavam em idade escolar, muito preocupada com a educação dos dois, procurou fazer parte de uma comunidade religiosa, levando-os a ter uma vida espiritual ativa. A Bíblia lhe dizia: “Ensina a criança no caminho em que deve andar” (Provérbios 22:6).

Graças a essa fé, que é o alimento e a esperança para a existência, Rita conseguiu educá-los. Ela trabalhava o dia todo, cuidava da casa e sempre tinha tempo para ter muitas amigas. Fazia reuniões em diversas casas para vivenciar o Evangelho na sua vida, incentivava muitas pessoas a assumirem uma fé consciente.

Os anos se passaram, os filhos cresceram e se casaram, enquanto Rita, sozinha, levava a vida do jeito que era possível, mas sempre procurando ser feliz.

Era noite de 31 de dezembro de 2006. Rita estava com 59 anos de idade. Sozinha e cansada,

aproveitava as últimas horas daquele ano para, num profundo silêncio, meditar e estar atenta para escutar a voz de Deus. Nesse silêncio e paz interior, Rita agradecia pelo ano que findava e pedia a Deus para ajudá-la, pois estava cansada de viver só. Queria um companheiro, um homem de princípios e de fé. E Deus ouviu a sua prece. Para surpresa de Rita, 13 dias após o pedido, ela soube por meio de um amigo que um antigo conhecido, Valdir, havia ficado viúvo e também estava sozinho e muito triste. Rita percebeu nessa notícia uma resposta ao pedido feito a Deus, e uma grande esperança se acendeu nela. Logo tentou consolar, por telefone, o saudoso amigo, a quem não via há mais de 30 anos. Ele morava longe, numa outra cidade. A vida de Rita começou a mudar. A aproximação com Valdir foi rápida. Apesar da distância, houve vários encontros para um conhecimento mútuo. As amigas a encorajavam. Após um ano de encontros e encantos, Rita decidiu deixar a sua terra natal para morar com Valdir, o homem dos seus sonhos. A sua prece fora atendida.

Começava uma nova fase da vida. No princípio foi difícil. Longe dos familiares e das amigas, ela chorava às escondidas de saudade. Mas ela decidira partir para começar uma vida nova. E ela foi à procura de novas amizades. Associou-se a um grupo de

ginástica. Prestou Vestibular para realizar o grande sonho de frequentar uma universidade. Quantos novos conhecimentos, amigas, passeios, encontros! E outro sonho tornava-se realidade: em 2009, teve a felicidade de fazer uma viagem pela Europa que lhe serviu de ocasião para fazer novas amizades e trocar experiências. Tudo foi, para ela, maravilhoso e encantador.

Rita sempre se lembra da frase que Valdir lhe disse em certa ocasião: “A pessoa começa a envelhecer a partir do momento em que substitui os sonhos pelas recordações”. Verdade é que Rita se lembra das amigas sinceras com quem partilhou confidências e que a ampararam em momentos difíceis. Mas ela cultivou também o sonho de ser feliz. E valeu a pena. Rita é feliz. Conquistou muitas amigas na cidade onde passou a morar. Os sonhos não a deixam envelhecer.

Hoje Rita mora em Florianópolis. Há algum tempo tomou conhecimento do NETI, que lhe abriu uma porta para novas amizades e para a realização de antigos sonhos. O Núcleo veio completar o que faltava na vida de Rita. Lá estudou italiano com a professora Lusinete, de quem recebeu muito apoio e incentivo. Também lhe possibilitou ter novas amigas e amigos, como a Isolda, a Conceição, a Maria, a Mirian, o Gentil, a Beth e outros. Além da amizade e do

aprendizado do idioma durante três anos e meio bem aproveitados, ela fez vários passeios com a turma. Rita encontrou no Núcleo uma nova razão para estar de bem com a vida e ser cada dia mais feliz.

Agora, Rita está tentando aprender alemão com os professores Joel e Angélica, recebendo, também deles, todo apoio e incentivo. Como em tantas outras ocasiões, Rita se depara com obstáculos, pois reconhece que esse idioma é difícil de aprender, mas não impossível. Do convívio com esse grupo de alunos surgiram novas amizades que a encorajam a continuar. Entre elas, estão a Dulce, a Mônica e a Sueli.

Como é bom ter amigas e amigos! “Amigo é aquele que nos faz sentir melhor e, sobretudo, nos faz sentir amados. Amigo é aquele que nos faz entrever a meta e que percorre conosco um trecho do caminho.”

O NETI deu a Rita a oportunidade de crescer como ser humano, deixando para trás frustrações. Ao cultivar amizades e valorizar cada minuto da sua existência, percebeu que a vida pode ser retomada a todo tempo. Problemas sempre surgirão, mas Rita aprendeu a fazer de cada dia um dia especial, único. Ela procura dar atenção a todos, valorizar cada minuto de contato com os outros, pois a amizade proporciona uma riqueza ímpar na vida das pessoas.



O tempo da  
vovó é agora  
Lilian Feller Schmidt

Lilian Feller Schmidt  
2013



# *O tempo da vovó é agora*

*Lilian Feller Schmidt*

Convivo com esta mulher há 62 anos e ela aproveita, sempre que pode, tudo de bom do ontem e do hoje, e lança sementes para o amanhã, junto às suas netas.

Do ontem, entre outras coisas, aproveitou o curso de “Corte e costura” e fez naquelas idades mais imaginativas das meninas (hoje com 13, 9 e 8 anos) fantasias dos contos de fadas e todas aquelas que eram solicitadas, com todos os detalhes e adereços possíveis.

A recompensa? O brilho naqueles olhinhos azuis e castanhos que só a maternidade dupla de avó permite ver e sentir.

Ensina músicas e brincadeiras do ontem que, agregadas às de agora, as enriquecem e as alegram. Essa troca a faz voltar à infância, que, em qualquer época, sempre teve, tem e terá seus encantos.

As comemorações quando os dentinhos caem... são uma festa!

Em ocasiões de doenças graves do esposo, de decisões quase impossíveis, a força do amor, a fé e a

confiança superaram todas as dificuldades, e hoje está tudo bem.

Os dois estão participando há um mês do curso que trata sobre inclusão digital no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da UFSC, e a cada aula o entusiasmo se renova.

O que observo nesta mulher é que cuida de seu intelecto, acha o abraço a melhor maneira de demonstrar afeto e não perde nenhuma oportunidade. Já, no que diz respeito à família, cuida da neta em um turno e em outro procura se atualizar e fazer o que lhe dá na “telha”.

Além disso, troca *e-mails* com pessoas queridas; e, o que é melhor, é independente financeiramente, dirige e passeia.

Ah! Faz bonecas de pano e amor. Doa-as no Natal, não sem antes dar um abraço em cada uma para que levem muita energia positiva.

Porém, ela e, com certeza, muitas outras mulheres, mesmo sabendo que seu tempo é agora, não gostam de atividade física e não a praticam; a alimentação é inadequada. E esses fatores já estão acarretando alguns problemas de saúde, como colesterol, pressão arterial elevada, obesidade, enfim, vários “probleminhas” comuns às pessoas que não se cuidam.

Esta mulher que muitos chamam de guerreira está capenga. Capenga, porque se envolve em aspectos importantes na vida de um ser humano, mas não o faz em outros tão importantes quanto e, principalmente, porque suas atividades são muito “solitárias”...

Estou fazendo o relato de parte da vida desta minha amiga porque acho que muitas mulheres se identificarão com as mesmas alegrias e dificuldades.

Entretanto, o mais importante de tudo é que estou percebendo uma mudança significativa no seu comportamento desde que começou a frequentar o Núcleo. Está mais alegre e mais determinada.

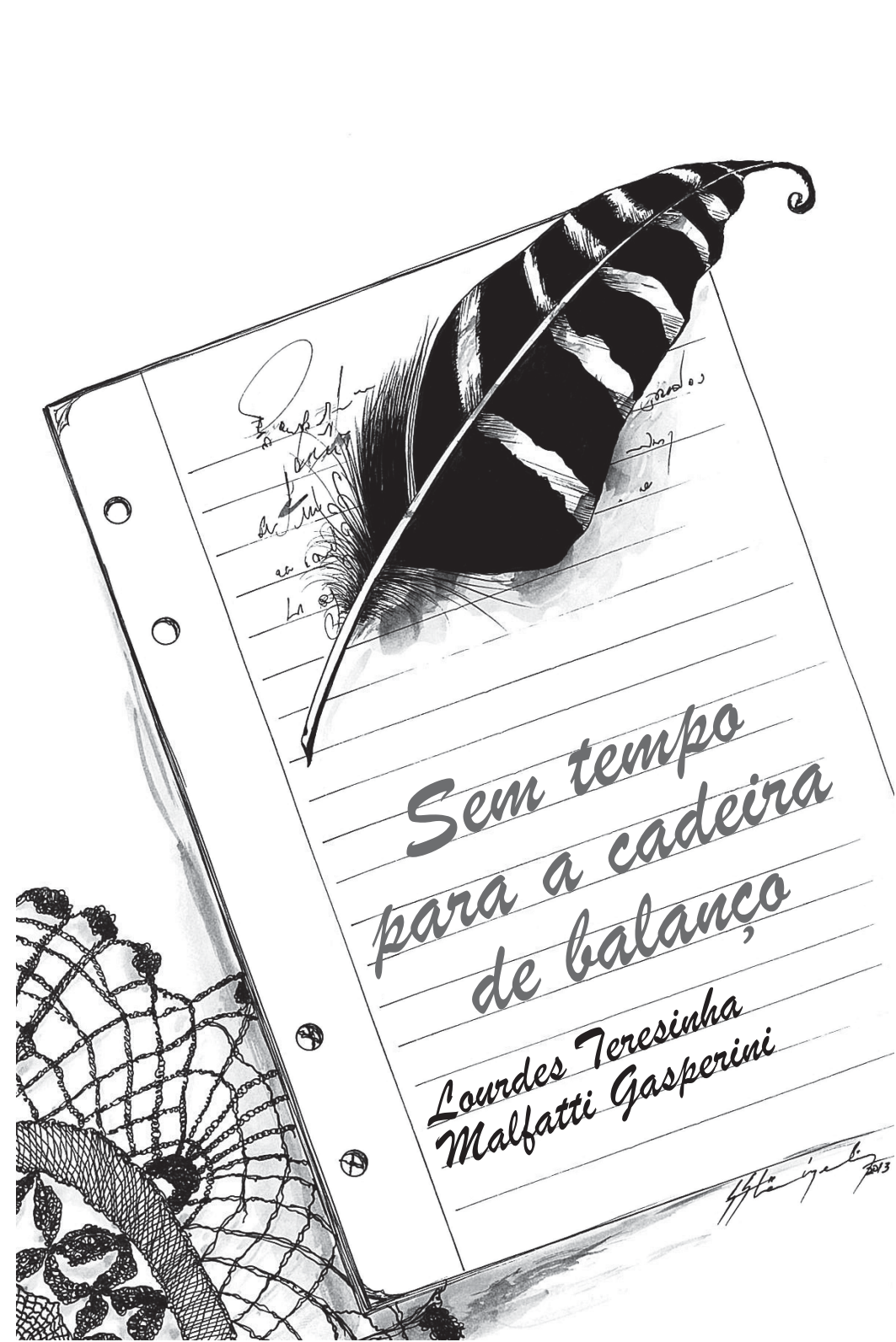
Olhando no espelho, vejo esta amiga com uma luz nova nos olhos, parecendo uma pessoa mais feliz e mais completa, e que, se pudesse, iria gritar junto a seus pares: movimentem-se, interajam, divulguem atividades que atendam às suas necessidades, ajudem-se e, principalmente, compartilhem os seus desejos.

Saibam todos que a ocupação sadia, bem como a interação social fazem milagres, principalmente, na nossa idade...

Gente... acho que, logo, logo, ela não mais estará capenga!

Alguém duvida?





The illustration depicts a tilted notebook with three binder holes on the left. A large, dark feather with light-colored horizontal stripes and a curved tip rests on the upper half of the notebook. In the bottom left corner, a fishing net is shown, partially covering a floral patterned surface. The notebook's pages are lined, and the text is written in a cursive script.

Sem tempo  
para a cadeira  
de balanço,

Lourdes Teresinha  
Malfatti Gasperini

4/12/2013



# *Sem tempo para a cadeira de balanço*

*Lourdes Teresinha Malfatti Gasperini*

Enquanto espero a chegada de meu netinho para o almoço, sapateio na minha BR, é como costume chamar o caminho entre a pia e o fogão. Ligo meu computador mental e navego nas minhas lembranças: quem diria, quase 70 anos! Penso que a idade é um item irrelevante: se não olho no espelho, não vejo minhas rugas e nem meus cabelos brancos. Não que eu não admire minhas rugas, elas contam minha vida. Não sei quando cada uma apareceu, mas, se fosse possível fazer um registro, cada uma daria uma história. Quanto aos cabelos brancos, não os abomino, mas gosto de vê-los na sua cor natural (de antigamente), o que é possível graças à química. São detalhes físicos que não interferem naquilo que sou em essência.

A idade é um processo fascinante. Não me lembro de que estou envelhecendo, simplesmente estou viva e atarefada. Muitas coisas aprendi ao longo da vida, às vezes atribulada, cheia de desafios, e que me ajudaram a amadurecer. Mas o que deu impulso ao entusiasmo, sempre latente, e força para apreciar a felicidade da busca foi o retorno à escola da “Terceira

Idade”, o NETI. Por meio dele, tive ajuda para valorizar a dádiva e a beleza da vida.

O potencial se reativou. Por que a passagem do tempo deveria nos tornar rígidos, chatos, lastimosos, intolerantes e espantalhos dos afetos? Não precisamos ser tão cobradores, críticos e donos da verdade. Temos em mãos as ferramentas de poder decidir e escolher. Decidir em deixar como está ou escolher fazer melhor, escolher celebrar...

Deus criou o universo em seis dias, no sétimo descansou. Mas, no oitavo dia, levantou-se e continuou a criar. Devemos alimentar esse hábito: levantar-se e trabalhar no oitavo dia, no vigésimo, no octogésimo... Para viver com alegria, enfim, para viver, cada um de nós precisa de um propósito. Se esse propósito não for encontrado no trabalho diário, precisa, pelo menos, assumir a forma de um passatempo construtivo – pintura, leitura, artesanato, trabalho voluntário – que deve preencher o vazio que, porventura, queira se alojar.

Estamos na idade áurea que nos dá direito a passagem livre de ônibus, desconto em cinema, teatro, medicamentos, preferência em filas, e ainda recebemos salário. Por que não nos desinstalamos dessa cômoda condição de inativos? Ainda temos tempo para um futuro promissor. Não estamos preparados

para sermos “velhos” nem para sentarmos na cadeira de balanço, símbolo da velhice desperdiçada. Espero nunca ter tempo para sentar-me numa delas. Antes, plantar um bosque na alma e desfrutar da sua sombra. Não precisa ser real. Estar viva é sonhar, é estar aberta às novidades e às mudanças. Dar as costas a isso é retornar à caverna.

Ultimamente, tenho um motivo a mais para estar vivíssima: desfrutar da alegria de conviver com os netos. Um desafio constante em que a paciência, a bondade, o discernimento e muitas virtudes mais são requisitados para fazer a ponte, minimizando as diferenças entre nós. O que vem deles é o amor incondicional, irrestrito e com retorno assegurado. Entrar no âmbito de sua imaginação, com dragões fumegantes, palácios e princesas, sem deixar de lado os heróis bravios com nomes estrangeiros que nem sabemos pronunciar, são portas que se abrem, terrenos férteis nos quais podemos colocar, sutilmente, sementes dos valores permanentes e que, outrora, nortearam a educação de seus pais, nossos filhos. Dar e receber são envolvimento que caracterizam a satisfação de estar junto.

De repente, ouço passos, macios, leves, e meu devaneio se vai... Ouço um ruído, alguma coisa cai. É sempre assim. Já sei, é ele chegando! Gritinhos, risos, conversas, almoço.

Algum tempo depois, me arrumo e me preparo para sair. Curioso, ele pergunta: “Aonde você vai, vovó?”. Digo: “Vou à escola, como você. Tenho umas professoras muito legais e que me ensinam muitas coisas”. E ele: “E, quando você faz bagunça, o que acontece?”. Respondo: “Vou para o cantinho pensar. Sabe onde fica esse cantinho? No meu coração”. Alegre, ele continua: “Que legal, vovó. Me ensina?”.

Penso na alegria e na satisfação de frequentar um lugar onde encontramos amigos, colegas e professores que nos transmitem coragem e leveza de espírito para destruímos os muros do preconceito, da solidão e da inatividade. Temos que achar nossos caminhos, mas podemos aprender uns com os outros.



Um novo  
olhar  
para a vida

Margarete Leopoldo  
de Mello

4/12/2013



# *Um novo olhar para a vida*

*Margarete Leopoldo de Mello*

A sabedoria só vem se estivermos atentos às experiências pelas quais passamos e delas retirarmos alguma lição de vida.

Os anos estão me trazendo um vazio existencial. Meus amigos já se foram, estou aposentada, ou melhor, inativa, as pessoas que mais amei não fazem mais parte do meu dia a dia, filhos que me deixaram à beira do cais, as dores que certo CONDOR vem causando em minhas articulações e ainda a sociedade que discrimina essa tal de Terceira Idade. Vejam se pode, fui comprar um perfume e a vendedora disse-me que a fragrância que escolhi era para jovens! Só me faltava essa!

O dia está nublado e triste. Não posso me deixar abater, depois de ter vivido tantas experiências marcantes e positivas da vida.

Afinal, o tempo não para, passa mais rápido que o voo de um pássaro.

Quando vejo, já é sexta-feira e lá se aproxima mais um final de semana melancólico e, quando percebo, já estou novamente comprando presentes para o Natal e enfeitando a casa de Papai Noel.

Saio a caminhar todas as manhãs e, entre um bom dia, uma buzinação, um cão que late, sinto-me cansada de tanto olhar e sentir o que o tempo já me aprontou, fez-me rir, chorar, errar, acertar e sentir saudades de tudo e de todos.

Numa dessas saídas matinais, enquanto caminhava, ameaçava cair chuva pesada, entrei no primeiro café que encontrei, sentei-me e logo fiz meu pedido preferido, um *cappuccino* e dois pães de queijo.

Abri o jornal e percorri meus olhos nas notícias sangrentas do dia.

Quando, de repente, entrou um grupo de senhoras e senhores, molhados pela chuva, parecendo adolescentes barulhentos, arrastaram mesas e cadeiras e se acomodaram para fazer seus pedidos.

As marcas dos rostos denunciavam o tempo, mas a alegria, as reflexões que faziam sobre a vida me deixaram a observá-los atrás do meu jornal.

Me surpreendi com uma senhora que recitava uma poesia, outro senhor contava uma encantadora história, um casal compartilhava momentos de carinho; e assim as discussões se tornavam acaloradas em torno de diversos assuntos, tirando a concentração de qualquer um naquele lugar.

Então, não me contive e fui falar com aquelas pessoas. Disseram-me que eram alunas do NETI e,

entusiasmadas, falaram da possibilidade de aprender, viver em grupos e ser protagonista do seu próprio viver.

Naquele momento, parecia que a chuva intensa que caía lá fora transformava-se, aos poucos, numa bela manhã clara de sol e isso me fez refletir que eu não devia ficar culpando os outros pela solidão sentida.

Que ansiedade! Retornar aos bancos escolares. Primeiro dia de aula. Comprei caderno e conjunto de canetas. Revivi minha estreia na escola aos seis anos de idade. Só faltava a mão da minha mãe que me segurava forte para superar a insegurança e o medo.

Mas na vida, ao longo do tempo, os papéis se invertem. Nesse dia tão esperado, meu filho que me levou à aula. Ainda não sabia me orientar nos diversos centros da universidade. Despediu-se e desejou-me boa aula. E, quando olhei para trás, lá estava ele tirando uma foto da nova mãe.

E, no decorrer das aulas e dos encontros, quantas transformações, experiências compartilhadas, amizades; e aos poucos percebi que somente o meu olhar poderia ou não modificar o processo de envelhecer e descobrir que, por mais que o tempo passe, sempre há muita coisa para aprender e mudar.

E, nas caminhadas no NETI, comecei a renovar meus desejos, vontades e sonhos, pois na fase adulta

não era permitido ousar. Ensinaram-me somente a marchar sem ter a oportunidade de sonhar, mesmo movida pelas incertezas.

Vou continuar neste caminho para ter muitas histórias para contar aos meus netos e, quem sabe também, algum dia, orientar uma bela senhora sentada num bar que queira se animar.



*A casa  
e o tempo*

*Maria Alicia Carena  
Cupani*

*2013*



# *A casa e o tempo*

*Maria Alicia Carena Cupani*

Por caminhos ainda ilógicos e secretos foi se formando um bloco de granito e argila.

Os movimentos da terciária, da cenozoica e da cretácea formaram os diques de rochas.

Foi o Virgílio Várzea quem me fez pensar nos longos percursos até as pessoas de cabelos brancos chegarem aqui, na casa de “trás do morro”.

E foram chegando. Quem os avisou? Ilógicos e secretos caminhos.

Num espaço dedicado ao pensamento e ao cuidado, foi pensada esta casa por pessoas que pensavam e cuidavam.

E pessoas de cabelos brancos souberam e foram chegando. Para pensar e cuidar?

Não se sabe, o caminho e a chegada são ilógicos e secretos.

Uma casa maior que guarda, cuida, elabora, transmite e modifica a história humana, a contém.

E pessoas de cabelos brancos foram chegando. Para guardar, elaborar, transmitir e modificar a história humana? O tempo o sabe.

A casa é acolhedora, nela os continentes se encontram sem fronteiras.

E pessoas de cabelos brancos foram chegando.  
Para deixar suas solidões?

Não, porque a solidão é sagrada.

A casa é pequena, e as constelações por cima dela estão em permanente mudança.

E pessoas de cabelos brancos foram chegando.  
Em busca de mudanças?

Os caminhos são ilógicos e secretos!

A casa tem jardim, muito. Corredores que distribuem salas, cozinha, biblioteca generosa e porta de emergência que usei várias vezes para sair sem pagar o que é de graça, a amizade.

As pessoas de cabelos brancos foram chegando pelo jardim.

Por que deixaram seus jardins na memória e o revisitavam?

Outras chegaram pela cozinha. Por que largaram suas panelas e colheres? Por que eram boas para misturar ingredientes, mas o engenho fechou e faltou farinha?

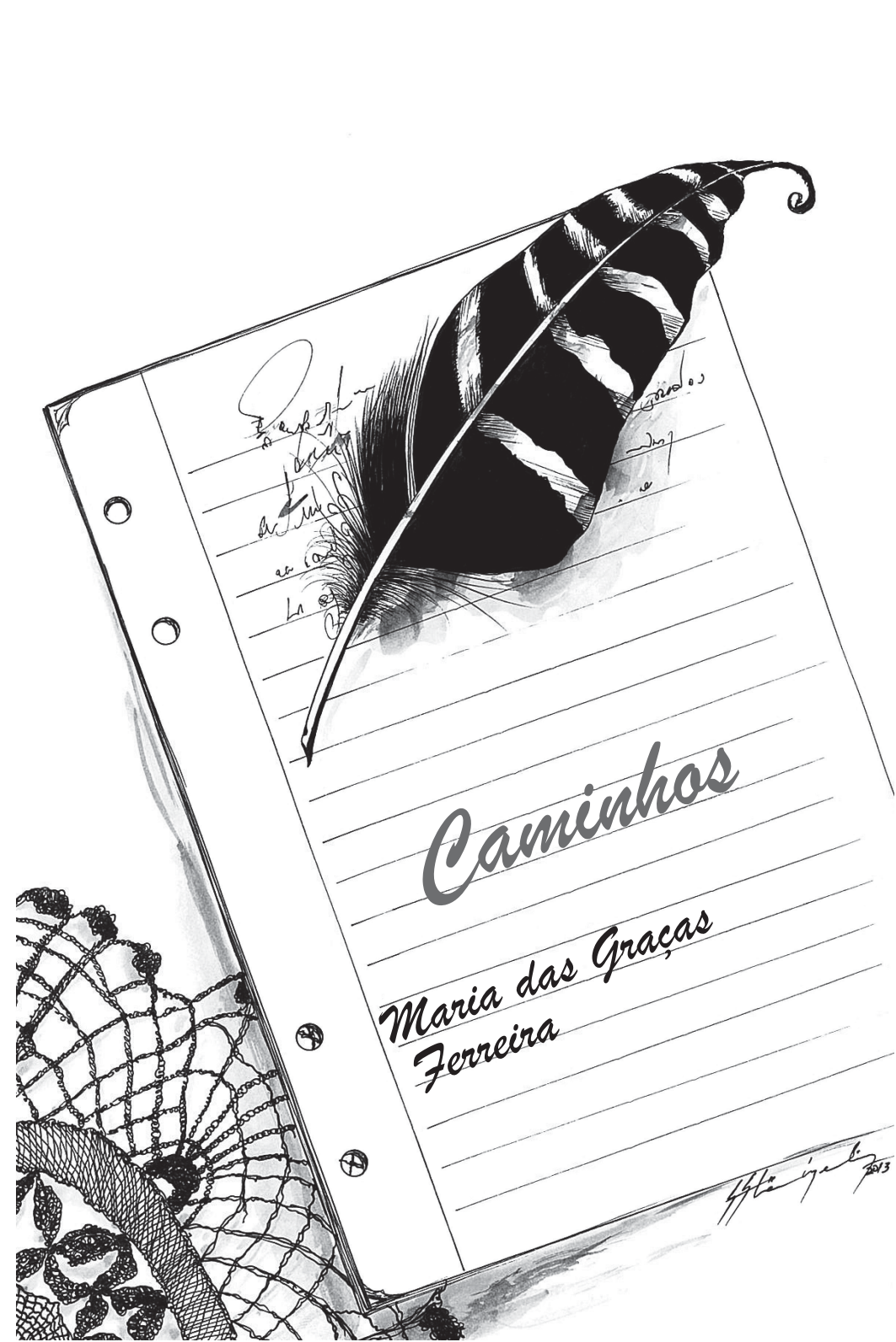
Outras chegaram pela sala. Largaram as escrivinhas de mestres e sentaram no lugar dos alunos; e pelos corredores chegava gente que tinha esquecido o crachá e os antigos ritos.

A jornada de cada um dos que chegaram começou no tempo, que não tem pressa, e agora orbita em torno de duas consoantes e duas vogais fáceis de repetir: ene – e – te – i.

Não precisamos mais que dessa jornada e dessa pequena casa para descobrir o que intuíamos: não se tratava de fazer, mas de ser.

Isso eu vi. Não foi com a luz do nosso céu subtropical marítimo raramente diáfano, foi com a luz das pessoas que o vi e com a força com que bateram no meu ranzinza coração.



A black and white illustration of a notebook. A quill pen with a striped pattern is positioned diagonally across the top half of the notebook. The notebook has several lines of text. In the bottom left corner, there is a small illustration of a fish. The text 'Caminhos' is written in a large, cursive font. Below it, 'Maria das Graças' and 'Ferreira' are written in a smaller, cursive font. The notebook has three binder holes on the left side. The background is white.

Caminhos

Maria das Graças  
Ferreira

2013



# *Caminhos*

*Maria das Graças Ferreira*

Você, que agora me lê, com toda certeza já ouviu falar inúmeras vezes dessa tal da Terceira Idade, e até mesmo da Quarta Idade. Isso mesmo! Faz-se necessário criar nomes para identificar ou diferenciar tantos momentos na vida de uma pessoa. Isso ocorre porque estamos vivendo muito mais; afinal, a expectativa para o tempo de vida para homens e mulheres mudou.

Sendo assim, nós, já me incluindo, ganhamos nada mais, nada menos do que mais uma vida. No século passado, estimava-se que a média de vida das pessoas, entre nós brasileiros, estava em torno dos 40 anos e, atualmente, já estamos vendo que essa média está se aproximando dos 80 anos.

Com o passar do tempo, os seres humanos foram criando condições de sobrevivência e aumentando sua expectativa de vida. O homem pré-histórico era um ser que sofria muito. Teve que enfrentar as condições do tempo e muitas dificuldades para conseguir se abrigar, se alimentar e ainda se proteger de animais predadores que, com ele, disputavam melhores

condições de vida. Tudo isso fez com que seu tempo de vida fosse relativamente curto. Esse ser foi adquirindo melhores condições e pouco a pouco ganhou a possibilidade de fixar sua moradia, cozinhar seus alimentos, construir seus utensílios e se proteger das intempéries da vida. Você já se imaginou vivendo nessa época? Mas esse ser passou a viver cada vez mais, com mais conforto e possibilidades de sobrevivência. À medida que os anos foram passando, as conquistas também aumentaram consideravelmente e nas últimas décadas o ser humano pôde ver que rapidamente tudo se renova e a cada momento novas descobertas e possibilidades de conforto, comunicação e bem-estar estão ao seu alcance. E tudo isso não é fantástico?

Você já deve ter escutado alguns dizerem que a vida é curta. Não sei qual a sua idade, mas isso não importa agora. Eu, já madura, devo-lhe confessar que também sinto a rapidez com que a vida vai passando. Estava eu trabalhando, sonhando e chegou o dia da aposentadoria, o que foi muito bom e bem aceito. Não pense você que parei de sonhar! Nada disso! Foi aí que me enchi de entusiasmo, pois agora teria mais tempo pra fazer coisas que antes não poderia, sem a preocupação de cumprir horários rígidos. Com mais tempo livre, pude então me dedicar aos cuidados que sempre considere importantes com a saúde. Utilizar

todos os meus conhecimentos adquiridos e continuar buscando incessantemente melhores hábitos para o corpo, a mente e o espírito, é claro. Por gostar de aprender, sempre ia me inscrevendo e participando de aulas por um semestre, por menos tempo ou até mais, e assim estava sempre me encantando e aprendendo, além de fazer amigos.

Em meio a tudo isso, na vida que continua passando rapidamente, algo muito normal acontece, de repente... Sessenta! Incrível! Sou eu mesma! Cheguei a tal da Terceira Idade! E eu nem percebi! A gente não acredita, sabe? Na verdade, ainda me sinto como antes e até brinco dizendo que sou uma jovem idosa, ganhando algumas vantagens. O negócio então é dar-se o direito e aproveitar! Pagar meia-entrada, ter preferência nas filas de banco e estacionamentos... Coisas que precisam melhorar e muito, pois, como já lhe falei, a população de idosos está crescendo e as filas preferenciais já estão sendo, muitas vezes, maiores do que as comuns, sem falar no desrespeito de pessoas sem educação que costumam ocupar o lugar dos idosos sem o mínimo de constrangimento.

Aqui nos deparamos com um momento único em toda a trajetória da humanidade. É o momento de repensar atitudes e posturas diante dessa nova vida. Não basta criar nomes e identificar etapas, mas abrir-se para um novo mundo.

Você talvez esteja pensando na situação de um idoso que já não tem condições de cuidar de si próprio, que já não tem liberdade nem forças suficientes para poder decidir o que deseja para si. Isso é uma realidade, e é aí que entra o trabalho da sociedade e das autoridades para que o cuidado com esse idoso tenha uma qualidade digna de um ser humano. Casas com boa estrutura para atendimento e profissionais competentes precisam ser preparadas. Lugares onde as pessoas possam desfrutar de bons momentos, fazer amizades e até se divertir de acordo com suas possibilidades. É urgente que se pense e se tomem atitudes, pois nosso país está envelhecendo e logo, logo, a maioria da população será de idosos, a exemplo do que já ocorre em outros países.

Então, o que vamos fazer? Talvez você já esteja se perguntando. Digo-lhe que é nesse exato momento que entra a participação de cada indivíduo. Essa se vincula ao modo pelo qual vivemos nossa vida. Antes de tudo, faz-se necessário que se aprenda a viver, que se aproveite tudo o que está ao nosso alcance, procurando viver cada instante da vida da melhor forma possível.

Vou lhe contar uma coisa. Nunca olhei com bons olhos esses encontros e tardes que são promovidos para os idosos. Para mim, cafés, bingos e tardes de

bordado pouco acrescentam, apenas ocupam as pessoas com “algo”. Particularmente nunca tive interesse em participar. Talvez esses encontros funcionem apenas como um momento, mas não é só de dominó, artesanato e dança que vive um idoso. Você há de concordar comigo. Tudo isso sempre me pareceu uma espécie de sala de espera para a morte. Isso até ajuda, mas não vai longe. Por isso em mim não despertava o interesse para as atividades oferecidas aos idosos na Universidade Federal de Santa Catarina ou em qualquer outro lugar. E eu continuava buscando conhecimentos em disciplinas isoladas e cursos. Porém, incentivada por familiares, fui ver um dos cursos em que iniciaria uma nova turma no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da UFSC. Comecei então a cursar “Monitores da ação gerontológica”, entre outros que são oferecidos. Alguns são de curta duração e igualmente interessantes.

No meu curso, várias disciplinas são estudadas e assim o processo de envelhecer pode ser visto através do olhar da Filosofia, da Antropologia, da Psicologia e outras áreas mais. Concebe-se a velhice com significados diferentes, podendo-se compreender da melhor maneira possível toda a sua profundidade e descobrir que o ser humano sempre tem algo mais a revelar. Aos poucos vão se perdendo crenças, preconceitos

e velhos hábitos, que vão dando lugar ao caminhar com maior liberdade. Diferentemente daquela sala de espera, aprende-se a morrer filosofando a velhice.

Na vida tudo depende das escolhas que fazemos. Não é uma questão de idade, e sim de aprendizado.

Passei a considerar que o estudo da gerontologia deva ser iniciado desde muito cedo nas escolas para que o indivíduo possa chegar bem aos 60 anos. Não basta que os conhecimentos sejam dados aos idosos. Todos necessitamos desses conhecimentos como profissionais ou simplesmente para o nosso aproveitamento pessoal.

ao sol

Maria de Lourdes  
Camargo Nogueira

4/12/2013



# *Lençóis ao sol*

*Maria de Lurdes Camargo Nogueira*

Eu me lembro dos meus tempos de criança e adolescência, quando minhas tias, primas e vizinhas, lavadeiras por profissão, iam à fonte. Paramentavam-se com aventais de couro ou plástico, lenços, chapéus de palhas e roupas confortáveis, saias largas.

Eu, menina sapeca e arredia, as observava nas preparações, saíam cedo antes de o sol raiar. Lá iam elas com trouxas de roupas na cabeça, a cantarolar canções de ninar.

No raiar do dia, as roupas já estavam a quarar sob o sol de inverno ou de verão. Eu as observava. Tinha algumas roupas fervidas em grandes tachos ou latas sobre fogo feito com serragens. Elas buscavam em madeiras, de perto ou de longe, da região pedaços de refugos de madeiras.

A paisagem era colorida. Muito mato verde. Grama e capim limpos, sem folha alguma para não mancharem as roupas clarinhas.

Assim, por volta das sete ou oito horas as roupas já estavam quarando e as nove ou dez horas já estavam penduradas nos grandes varais. Era lindo ver

aquelas peças cheirosas e de um branco tão branco que encandeavam meus olhos de menina. Isso me encantava!

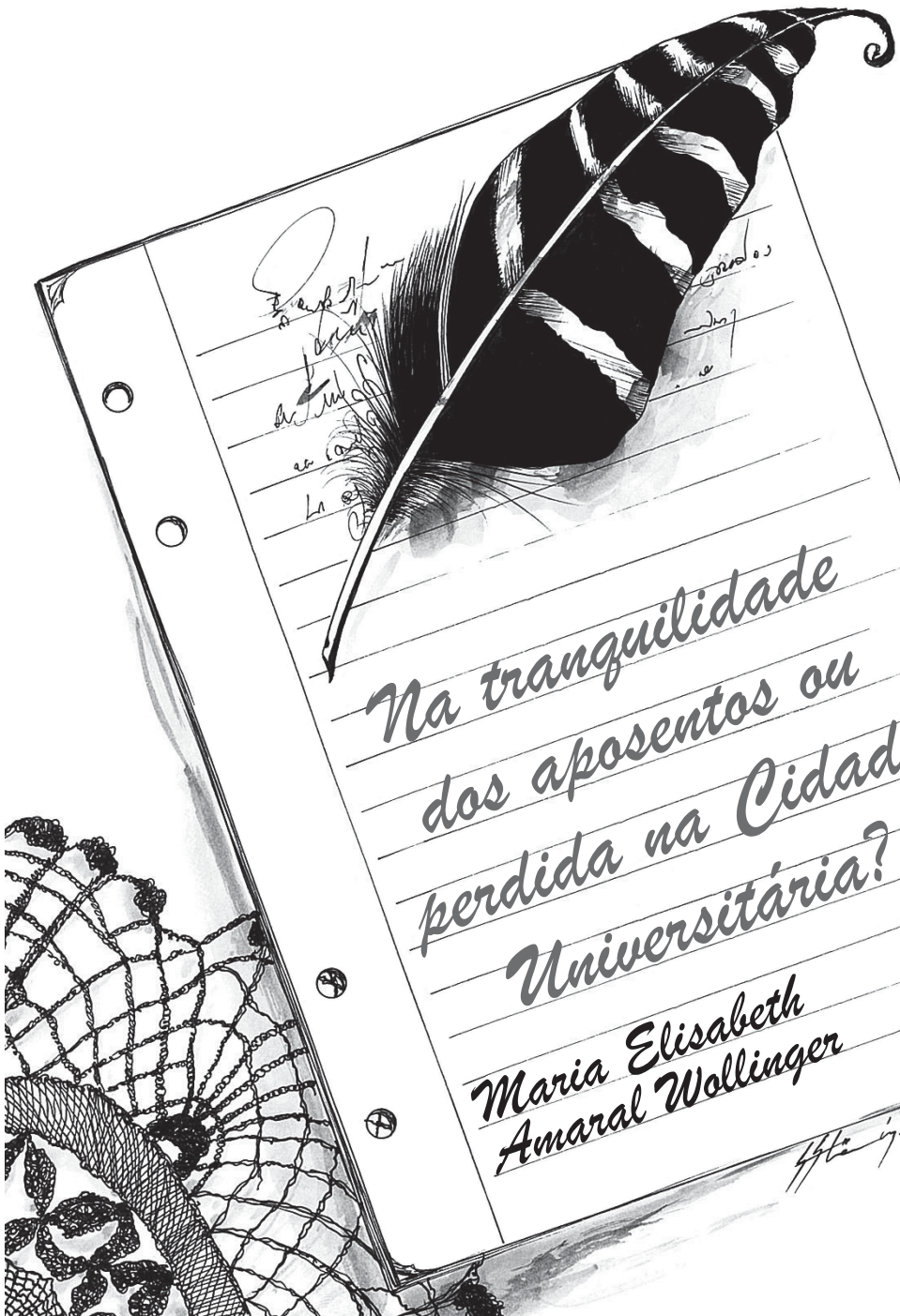
Antes do meio-dia, em média, as roupas já estavam secas. Momento de recolhê-las e acomodá-las em grandes cestas feitas de taquaras de bambu. Nessa fase, eu estava ali ajudando.

Depois de secas, as roupas eram levadas para casa. Eram passadas e dobradas. Para as peças mais delicadas, tipo guardanapos, toalhas de mesa de renda, colarinhos de camisas e algumas roupas infantis, faziam a goma. Depois desse processo, eram passadas a ferro de brasa. Lá pelas quatro ou cinco horas já estavam prontas para serem entregues. Meus primos enchiam os carretões, como era chamado o transporte com as trouxas e os cestos, e iam fazer as entregas das roupas limpas e a coleta das roupas sujas para o próximo dia de trabalho.

Hoje, no início da minha Terceira Idade, passo a me recordar da infância vivida com as roupas ao sol e, principalmente, os lençóis brancos, alvos e brilhantes.

Isso se deu nos anos 1960-1970 na minha comunidade, situada em Coqueiros, parte continental de Florianópolis.

Com o NETI pude desenvolver minhas ideias, essas que afloraram com o passar do tempo, nas aulas que me incentivaram a escrever esta crônica.



Na tranquilidade  
dos aposentos ou  
perdida na Cidade  
Universitária?

Maria Elisabeth  
Amaral Wollinger

4/12/2013



# *Na tranquilidade dos aposentos ou perdida na Cidade Universitária?*

*Maria Elisabeth Amaral Wollinger*

Quando me aposentei, imaginei que bastaria uma televisão no quarto para ver todos os programas, dormir e acordar a hora que bem entendesse. Que tranquilidade... de papo para o ar, nos aposentos. E lá fora? A vida seguindo. Um mês, dois meses... tranquilidade que nada. A inquietação começa a falar mais alto, deve haver algo além da aposentadoria e dos aposentos. Que tal uma cidade? Sim, uma cidade universitária. Como chegar nessa cidade? Chega-se de automóvel, caminhando, de bicicleta ou de ônibus. Se de ônibus, cuidado! Cuidado! Pare na parada certa.

Em março de 2011, iniciei o curso de “Monitores da ação gerontológica”. No primeiro dia de aula, encontrei pessoas com diversas experiências e anseios, início de grandes amizades. No segundo dia, embarquei no ônibus sentido norte. Ansiosa, desci dois pontos antes, olhei para um lado, para outro, observava os mapas indicativos e não conseguia me localizar. Por momentos me inquietava, por vezes me

tranquilizava, pois vários estudantes também pediam informações, caracterizando a insegurança dos primeiros dias de aula.

No início quanta insegurança. Perdida na Cidade Universitária, aflita você pergunta: O que estou fazendo aqui? Já aposentada... podendo estar de papo para o ar, na tranquilidade dos aposentos. Perdida que nada... Nessa cidade descobri um jovem de 30 anos chamado NETI, que vem quebrando fronteiras da universidade, abrindo novos horizontes para os idosos. Renovando a identidade da Terceira Idade, revendo conceitos. Transformando e exigindo novas políticas, tornando o idoso mais consciente dos seus direitos e deveres.

Ao longo dos anos, o NETI desenvolve estudos e atividades valorizando o idoso, reconhecendo o seu potencial e incentivando o seu engajamento responsável e participativo na sociedade. Abrindo um leque de conhecimentos e oportunidades, orientando na transformação de novos olhares, recomeçando a cada dia. Repensando as fases da vida, quantas brincadeiras, sonhos, conquistas, perdas e ganhos.

Ah! Quase esqueci, o jovem de 30 anos é que me apresentou no curso de “Monitores da ação gerontológica” uma equipe de excelentes professores, mestres e doutores que nos repassam conhecimen-

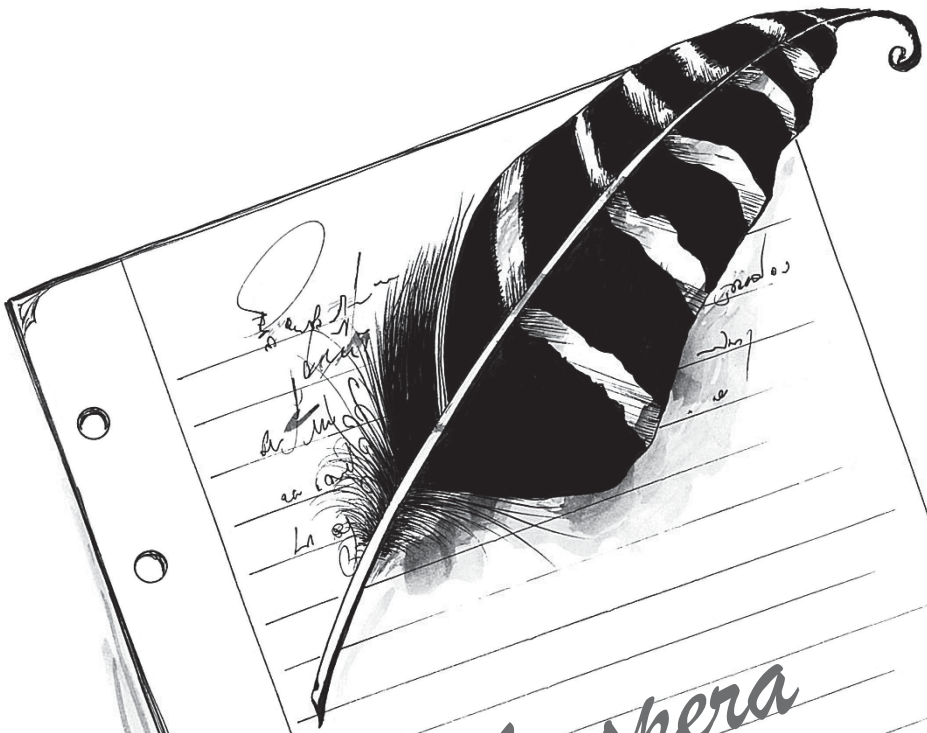
to em diversas áreas. Enfim, queridos mestres que nos motivam para o estudo, a reflexão de diversos olhares.

A cada dia superando desafios familiares, e, por falar em superação, superei a insegurança de acertar a parada do ônibus, descobri que, além do ônibus via norte e sul, tem outros que chegam na parada próxima ao Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ah! Na tranquilidade dos aposentos ou perda na Cidade Universitária? Reflita...

A aposentadoria, a velhice chega, o tempo passou, perdeu tempo, ganhou tempo, aproveitou o tempo. Acomodou-se nos aposentos... Perda na Cidade Universitária em companhia de um jovem de 30 anos chamado NETI, quanta experiência, quanta vida para ser vivida.





*A espera*

*Maria Leonilda  
Schernier Rossi*

*4/12/2013*



# *A espera*

*Maria Leonilda Scherner Rossi*

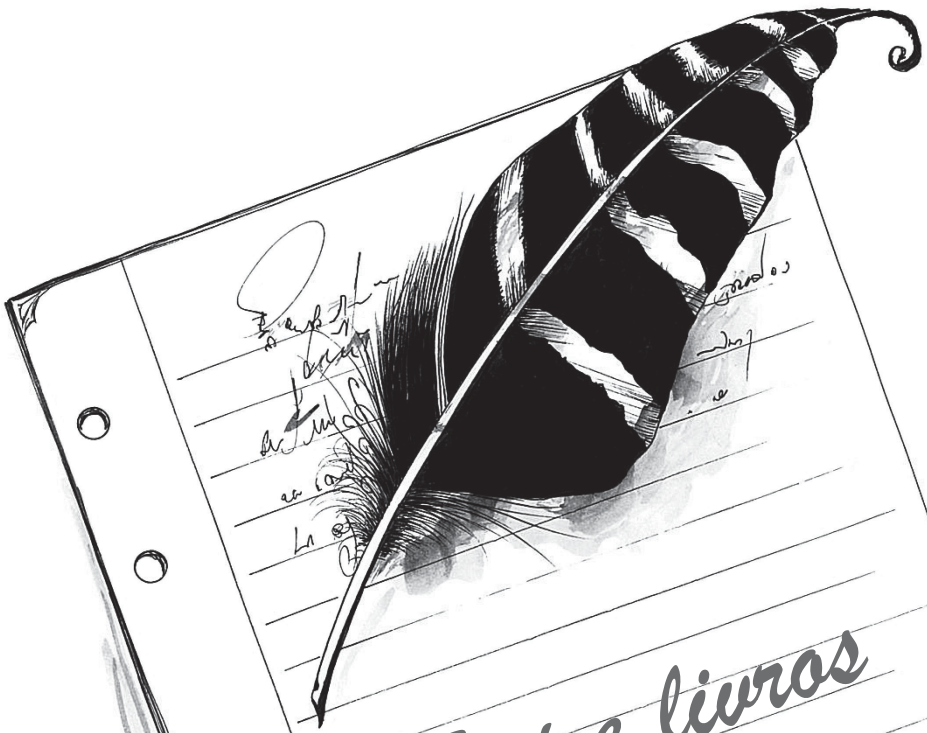
Há anos ele estava lá, elegante, em negro, letras douradas, encadernação primorosa. Menos volumoso, com certeza, porém com alguns centímetros a mais na altura entre tantos outros livros. Mas não chamava à leitura. Até que o título era bem sugestivo...

Estava esperando aquela pessoa especial para tirá-lo, assim como as moças casadoiras de outros tempos esperavam por seus pares, sentadas, até serem convidadas para dançar.

E ele era mesmo especial, pois, mal colocou os olhos naquela estante cheia de opções, suas mãos trouxeram aquele que seu coração havia escolhido: o livro escrito pelas alunas do “Avós na universidade” do NETI, no qual cada uma contava sua rica experiência de vida.

E ela havia sido tão honesta, tão transparente em sua história que o fascinou!





# Entre livros e filmes

Mônica Goesting Siedler

*Mônica Goesting*  
2013



# *Entre livros e filmes*

*Mônica Joesting Siedler*

Sempre gostei de sonhar e, desde que tenho consciência da minha individualidade, socorri-me no devaneio para enfrentar os momentos de incompreensão do mundo. Os filmes vieram como um auxílio luxuoso a essa minha necessidade de ver por outra ótica a vida. Também tenho os livros como companheiros de todas as horas que vão se desvelando aos poucos.

O tempo me exigiu que eu aprofundasse o conhecimento nas relações com as pessoas e me tornou mais voraz por filmes e livros. O encantamento surge quando percebo os vários olhares de uma mesma situação, os problemas cotidianos são semelhantes, mas a forma de abordá-los...

Falo disso porque, já perto dos 60 anos, sinto que permaneço a mesma na essência, mas tenho mais lucidez na forma de perceber e enfrentar minhas dúvidas, meus medos, minhas dificuldades e até minhas alegrias. Os filmes e os livros que li e leio vão desabrochando memórias afetivas que me fortalecem e me reencantam.

Às vezes, surpreendo-me quando alguém me diz que não lê nem vê filmes por achar que são formas alienantes de experimentar as sensações. Penso que suas vidas ficam menos emocionantes, menos “ricas”.

Na infância e na adolescência, tive na leitura e no cinema uma ajuda importante para enfrentar a minha timidez. Quando iniciei a trabalhar, tive que me superar, me aventurar nos relacionamentos com as pessoas, e um assunto recorrente para início de conversa passou a ser filme visto e livro lido.

Ao estudar o envelhecimento, pude constatar que a necessidade de fantasia é permanente, não some com o passar dos anos.

O NETI me possibilitou conhecer muitas pessoas, ouvir relatos de muitas vidas, compartilhar muitos momentos. Lembro-me de fatos que se misturam com emoções pessoais, acontecimentos vivenciados com pessoas que hoje já não estão no meu convívio, comparo-as com personagens de filmes ou livros que tiveram muita importância em certo instante e agora estão carinhosamente instaladas na minha lembrança.

Os filmes e os livros relidos perdem, por vezes, o significado que tiveram em outra idade porque as necessidades e as ilusões mudam, mas podem ser uma gostosa e quente emoção ao lembrarem-me de como eu fui quando vi aquele filme ou li aquele livro.

Lembro-me, por exemplo, das sessões contínuas de filmes espanhóis na praia de La Floresta, no Uruguai, filmes como Martín Fierro ou com o cantor Raphael (musicais lindos!). Em outra época, descobri Fred Astaire, Gene Kelly, Jerome Kern e assim tornei-me fã de musicais. Ao participar de um clube de cinema, descobri produções europeias e orientais, aumentando minha paixão pelo cinema e sua possibilidade de ser “lido”, isto é, de se aprender a ver para ser mais bem apreciado.

Na literatura, procurei ler os clássicos para entender sua permanência e impressionei-me pelos escritores ingleses como Shakespeare, Jane Austen, Oscar Wilde, também tive minha fase das irmãs Brontë, ficou a identificação com a literatura inglesa, que agora segue com Ian McEwan, por exemplo.

Gosto da leveza como Mia Couto escreve e da facilidade como Rowling revela toda a magia de descrever a passagem da infância para a adolescência usando todas as crenças que a cultura lapida.

No filme espanhol/argentino “Conversando com mamãe”, percebo mais profundidade no conteúdo da fala entre um filho e sua mãe do que em muitos livros didáticos, porque está contextualizada, a vida é assim, não a temos em partes...

Enfim, a minha vida tem sido coadjuvante entre livros e filmes, ou será o contrário?





# A ânsia pela vida

Myrna Evelise N.  
Andriani

4/12/2013



# *A ânsia pela vida*

*Myrna Evelise N. Andriani*

Um sorriso, um olhar brilhante, a cabeça que mexe de um lado para outro, as mãos que se encontram com alegria e o corpo informando satisfação.

Crianças, como as amo!

Como é fascinante conviver e trazer contentamento a essas pequenas criaturinhas, por meio de minhas histórias e histórias lidas e repassadas a elas. É o deslumbre infantil se materializando aos nossos olhos.

Sonhar e fazer realizar! Isso é utopia?

Não. Esse desejo de idealizar meus voos está se concretizando desde que comecei a participar no NETI, do curso de “Contadores de histórias”.

A criança que habita meu ser se fez plena quando aqui cheguei e renasceram as asas da minha imaginação. Quando comecei a escrever histórias para os pequenos, me infantilizei, pois é assim que me sinto para melhor compreender e captar o que eles gostariam de ouvir. Apareceram “baratas” com sentimentos e desejos de amizade; “joaninhas” que se preocupam com a preservação da natureza;

vovós que interagem “com as mãos e os pés” com seus amados netos; um “palhacinho” traquina que brinca com as crianças; e até uma “mãozinha” que retrata a nossa trajetória de vida, da infância até a velhice, e valoriza a quantidade de anos vividos como um guia para os mais jovens. Ah, quase esqueci o “Trenzinho Jeremias”, esse viaja no mundo da fantasia e é um convite aberto para quem quiser embarcar e seguir o itinerário das possibilidades.

Sinto que nossa vida é também um trem que parte ao nascermos e ao longo dos anos vai acoplando vagões. Alguns leves, alegres e repletos de flores, outros, entretanto, mais pesados e que carregam preocupações e tristezas. A vida nos ensina a carregá-los.

No início, o trem é belo, novo, brilhante e fascina a todos. Tudo funciona divinamente. Mas os anos vão passando, vão passando e ele já não chama mais atenção. Vai se deteriorando, a pintura vai ficando fosca, a máquina nos leva a crer que a velocidade não é mais a mesma em relação à velocidade dos dias atuais. Porém, é necessário que ele exista, pois somente ele guarda na memória o tempo. O precioso tempo dos anos passados de que nem todos tiveram a oportunidade de usufruir.

Assim somos nós no NETI. Cada qual adquiriu e acrescentou à sua vida algo de bom que nos trouxesse satisfação.

Hoje me sinto uma criança com grande experiência de vida. Uma criança pronta para participar e brincar com outras crianças, e juntas mostrarmos que a infância e a velhice têm muito em comum: a ânsia pela vida!





30 anos NETT:  
histórias de um  
também contador

Nestor José Rech

4/12/2013



# *30 anos NET: histórias de um também contador*

*Nestor José Rech*

Somos bombardeados, a todo instante, com novas e velhas informações, notadamente, na maior quantidade negativas. Basta ligarmo-nos a qualquer um dos diversos meios de comunicação, quer seja televisor, rádio, jornal, revista ou internet. A infelicidade alheia parece servir de alimento humano. Sabe-se, porém, que o que ingerimos, quer na forma de alimento ou de pensamento, torna-se parte integrante de nossa vida.

Na fuga pela sua existência, quer por sua consciência ou mesmo quando se está cansado de tanto pessimismo, justamente no momento do declínio físico, quando o ser torna-se mais vulnerável, sensível, porém mais lúcido, na denominada Terceira Idade, muitos encontram aqui, em Florianópolis, um porto seguro para enfrentar esse mar turbulento.

Ao ouvir de uma amiga, na semana passada, que há pouco tempo entrou na referida 'idade': "Não quero ser um peso para meus filhos com o passar dos anos", isso deu-me a certeza de que esse caminho existe e que pode ser facilmente trilhado.

O NETI, da Universidade Federal de Santa Catarina, é o lugar em que vários cursos são oferecidos sempre ao encontro de um envelhecer mais saudável. Para realizarmos todos os cursos, teríamos que participar de, no mínimo, 30 anos de tais atividades.

Há o curso de especialização em Gerontologia; Formação de monitores; Avós na universidade; Cine debate; Contadores de história; Leitura e escrita; Línguas: alemão, inglês, francês, espanhol, esperanto, italiano; Grupo de encontro; Biodança; Oficina de autoconhecimento; Inclusão Digital; Prática energética; Empreendedorismo artístico e cultural; Intercâmbio comunitário; Grupo de apoio ao portador de Parkinson e Alzheimer; Longevidade; Convivência 5 de Maio.

No longínquo março de 1982, na Universidade Federal de Santa Catarina, embaladas pela consciência nacional da valorização ao idoso, duas professoras ligadas às áreas sociais, professoras Neusa Mendes Guedes e Lúcia Hisako Takase Gonçalves, visualizaram um trabalho voltado a essas pessoas. Oficializado em agosto do ano seguinte pelo então reitor, Ernani Bayer, o NETI germinou. Nessas três décadas, quatro grandes baluartes femininos têm conduzido a Coordenação do Núcleo, são elas as professoras Neusa Mendes Guedes, Jussara Bayer, Ângela Maria

Alvarez e, atualmente, a professora Jordelina Schier.

A minha vivência com o NETI iniciou ao participar do curso “Contadores de história”, com a professora Eloá. Nele, mergulhei nas recordações mágicas e lúdicas de criança, recordando o tempo em que o meu irmão mais velho juntamente com o “nego” João e outro senhor mais idoso, o guarda noturno da madeireira defronte a minha casa, narravam histórias nas quais bichos falavam e pequenos joõezinhos venciam monstros e gigantes.

O curso abriu-me a possibilidade de ser também um contador, com a parceria do “mestre’ em contação, Zé Manoel. Percorrendo colégios e creches, sendo lobo mau, gato, cachorro, raposa ou príncipe, pude ver o brilho nos olhos das crianças ao ouvirem as narrativas, sem dúvida o mesmo brilho que eu devia ter nos momentos em que elas me eram contadas; como se diz, “isto não tem preço”, é uma experiência muito gratificante. Essa nova cor, esse novo sabor e essa alegria de viver fizeram-se presentes na minha vida exatamente em um momento importante, quando eu havia perdido as referências em virtude da aposentadoria.

Logo em seguida, veio o curso “Os avós na universidade”, coordenado pelas professoras Mônica e Célia. Um divisor de águas entre o antes e o

depois. Com certeza, todos os participantes saíram diferentes desse curso, seja pela apresentação dos temas abordados, seja pelas experiências trocadas. O desabrochar da criança, os conflitos do adolescente, a maturidade do adulto, a realização do idoso. Caro leitor, da concepção do ser humano até o momento final da vida, passou muita água debaixo da ponte Hercílio Luz. Ali, aprendemos que o tempo não para, percebemos que as mudanças ocorrem e que aceitar o envelhecimento é uma arte.

Desejo fazer muitos cursos ainda no NETI, justamente porque ele tem vida, move-se, amplia, segundo as nossas próprias necessidades, os nossos próprios anseios, chegando a compor uma família, é como voltar para a casa materna, em que a Nina, com seu sorriso, nos embala, pulsando um amor fraterno. O Núcleo tornou-se uma verdadeira filosofia de vida para os seus participantes. Trinta anos, quantas pessoas já passaram por aqui e são gratas pela ajuda, pelo apoio, pelo crescimento.

Obrigado, NETI, anseio comemorar ainda muitos aniversários contigo.



Crônica: NE79,  
um caminho  
sem volta

Oswaldo Tadeu  
Santana e Silva

4/12/2013



# *Crônica: NETT.*

## *um caminho sem volta*

*Oswaldo Tadeu Santana e Silva*

... nossa! Eu me cuido tanto e parece que tô mais gordo? Tô sim – não, tô não... acho que os espaços e as roupas é que estão ficando cada vez menores... ah, tô nem aí! hahahahahahaha...

Se tô mais perto ou mais longe, também não sei. Só sei que, nesse vaivém da vida, engordei, emagreci, chorei, sorri, fui e voltei não sei quantas vezes, carregando uma bagagem de perdas e ganhos, altos e baixos, juntamente com todas as coisas que preenchem nossos espaços cheios e/ou vazios.

Nos momentos de choro, eu permitia ao meu corpo banhar-se naquele momento único, porque rir é bem mais fácil – por qualquer motivo a gente tá rindo, né? À proporção que envelheço, estou ficando mais sensível também. Por isso choro com mais facilidade e sem vergonha alguma de permitir às rugas do meu rosto se hidratarem com minhas lágrimas, na certeza de que muitas dessas lágrimas deveriam ter sido vertidas quando era mais novo, mas esse tal de MACHISMO, esse tal de HOMEM NÃO CHORA, meu Deus, estraga tudo!

Todos temos um pouco de medo das rugas. Muitos disfarçam ou negam esse medinho, mas e o espelho? Desse ninguém escapa!

Mentindo, disfarçando ou não, o rostinho vai ficando marcado... ah, o corpo também! Respeitemos os milagres dos bisturis, dos cosméticos, das academias etc., mas o ser humano não é só rosto e corpo, lágrimas e sorrisos. Há uma cabine misteriosa chamada cérebro que não engorda nem emagrece, mas precisa que a pessoa tenha disposição para a vida, independentemente de gordura, magreza, lágrimas e/ou sorrisos.

Existe uma Lei Federal que diz que, a partir dos 60 anos, a pessoa é “idosa” e pressupõe algumas prerrogativas e privilégios para esse grupo (que tá crescendo cada vez mais), sem ao menos perguntar se é isso mesmo que a gente quer... ah, sim, ganharmos uma denominação de “preferenciais”. Algumas pessoas abusam desse “direito”. Outras sofrem por se sentirem segregadas – terem que entrar por uma porta específica, uma fila especial, na frente dos outros apenas por terem alguns anos a mais. Às vezes, eu me pergunto: não será que estão querendo que a gente vá “praquele” cantinho mais cedo? Eu, hein!

À proporção que envelheço, percebo o espaço social mais restrito e uma estrada cada vez mais estreita

que parece me levando não sei para onde. Negar não seria o melhor a fazer, mas preciso admitir que sinto um pouco de medo, mas não tenho opção. Nessa falta de opção, nesse medo sem saber aonde ir, minha grande sacada foi olhar para os lados. Foi minha grande oportunidade! Vi portas, janelas, frestas, aberturas, buracos e, onde deu, enfiei minha cabeça e gritei: Ô de casa! Não apareceu ninguém, mas ouvi vozes dizendo: “Entra”! Fui entrando e dei de cara com a alegria, o afeto, o carinho, a compreensão, o respeito, a aceitação (tudo isso personificado em pessoas) e muitos outros sentimentos e atitudes que até me fizeram esquecer a estradinha estreita em que eu vinha – e digo mais: me apontaram a mais bela de todas as portas, na qual havia uma placa escrito NETI. Perguntei o que era e para onde iria. Me disseram: “Essa é a porta que dá acesso à felicidade – é um caminho sem volta”. Entrei e lá encontrei gordos, magros, feios, bonitos, doentes, sãos, velhos e meio velhos, entre outros. Ah, imagina como me senti!

Há 30 anos me juntei a esse grupo; e olha: as experiências, emoções e sensações que eu vivo e sinto nesse Caminho Sagrado são tão gostosas que sinceramente não dá tempo nem vontade de olhar para trás novamente. E digo a quem tiver vindo por aí que Nunca Esquecerei Tudo Isso.





*Tempo da  
memória*

*Raquel Zuadros Seiffert  
in memoriam*

*4/12/2013*



# *Tempos da memória*

*Raquel Quadros Seiffert  
(in memoriam)*

ONTEM: o verão iniciava pela expectativa de mudança. Não apenas oito quilômetros separavam Arroio do Silva de Araranguá, mas também a resistência de meu pai. O contrato do Caminha é caro, dizia ele. Veraneio é para ricos. Boa romaria faz quem fica em casa em paz.

No ar, expectativas. Iremos ou não à praia? Escutávamos os argumentos de minha mãe: o sol é vitamina D essencial para a saúde das crianças. E no dia certo, 22 de dezembro, o caminhão estacionava qual tapete mágico, transportando tudo (móveis, cão, galinhas, barrica de ovos etc.) ao paraíso esperado.

Éramos os primeiros a chegar ao Arroio. Aos poucos pontilhavam outras luzes anunciando a chegada de outras famílias. Os de Bom Jesus, de Vacaria, identificavam minhas irmãs, na alegria do reencontro dos amigos. O ritual era sagrado. Na primeira semana, só 15 a 20 minutos de sol a partir de 9h da manhã. Após esses cuidados, estávamos liberados para desfrutar do sol, do mar, da areia, da lagoa, e o dia só terminava depois de muita cantoria. Essas memórias,

que, se me fosse dado tempo, eu detalharia mais, foram presentes felizes que marcaram minha infância.

HOJE: quero lembrar o nome do filme visto recentemente. Como é mesmo o nome do filme? Aquele filme francês que conta a história de um homem que sofre um acidente e contrata um cuidador jovem. Os detalhes me escapam. O fato de não lembrar aspectos de um evento recente poderia me causar frustração, mas respiro fundo e evoco uma das regras do “Curso de otimização da memória”, oferecido pelo NETI: para recuperar um nome, comece buscando associações pela ordem alfabética. A – Amizade entre o velho e o jovem? B – Beleza da construção do relacionamento? C – Confiança? Embora esses tenham sido os elementos que tornaram o filme tão impactante na continuidade do exercício, antes mesmo de chegar à letra “I”, lembrei-me do nome do filme: “Intocáveis”.

Relembro esse exemplo para ilustrar que na minha velhice as habilidades ensinadas no curso contribuíram para entender e administrar meus lapsos de memória.

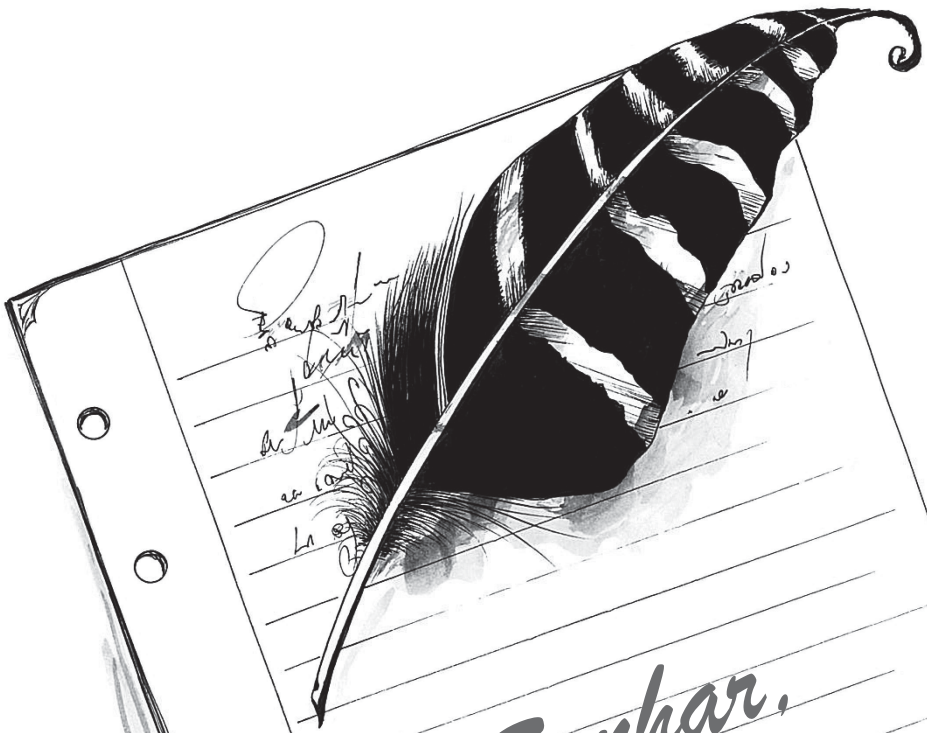
Por que me lembro com riqueza de detalhes dos presentes da infância e não me lembro com facilidade do nome do filme atual? Com o envelhecimento, explicavam as professoras do curso, as lembranças

relacionadas a eventos específicos recentes são mais difíceis de evocar que as do passado. As memórias vivenciadas no passado são carregadas de emoção e saudosismo. Na velhice a rememoração requer que o episódio tenha sido bem codificado para criar laços associativos entre os acontecimentos que nos suscitam muito interesse.

E continuavam as professoras dissertando sobre a importância de se compreenderem as causas de falhas de memória, a validade teórica dos jogos para estimular a atenção entre outros temas que exploravam memória e envelhecimento.

O que me surpreendeu mesmo foi saber que o cultivo da arte de esquecer é tão importante quanto focar na atenção para aperfeiçoar o bom desempenho da memória. Nossa saúde depende tanto do que somos capazes de lembrar quanto de esquecer. As professoras também gostavam de citar Ivan Izquierdo, médico neurologista, autor de “A arte de esquecer”. Para o autor, ser humano é uma combinação do que lembra e do que esquece. Para ele, “a arte de esquecer é parte fundamental de nossa sobrevivência, talvez de nossa própria vida”. Só ela nos permite ir adiante em meio a tantas diversidades e perigos. Sacudir a poeira e dar a volta por cima. Recentemente, quando estive no NETI, fiquei emocionada, deixei meus cadernos na

sala. Antes de atravessar a porta de saída, perguntei: estou com todas as minhas coisas? Não pergunto o que estou me esquecendo de levar para não reforçar a ideia do esquecimento. Vou continuar esquecendo um dia um objeto, outro dia um nome. Mas o essencial é que, enquanto eu souber que uso óculos e não onde os guardei, devo continuar prestando mais atenção na emoção. Minha memória está aberta para aprender como devo cuidar dela para esquecer menos e prestar atenção na atenção. Ao refletir sobre isso, também me dei conta de que a emoção tanto pode contribuir para consolidar a memória como para ofuscá-la. E, da mesma forma que os veraneios produziram lembranças inesquecíveis, entender como funciona a memória no envelhecimento foi o melhor presente que recebi.



Sonhar,  
por que não?

Regina Maria  
Valente Magaldi

Regina Maria  
2013



# *Sonhar, por que não?*

*Regina Maria Valente Magaldi*

Sou uma sonhadora compulsiva. Sonho dormindo, sonho muito acordada, sonho sonhos práticos, sonho sonhos aparentemente difíceis de serem realizados.

Desde sempre meu sonho difícil era vivenciar um outono de verdade, pois na minha terra só temos verão: verde, flores e frutos o ano todo. Que monotonia!

Numa fase muito difícil de minha vida, quando havia perdido algumas pessoas muito queridas e todos os bens materiais; quando meus filhos estavam abrigados em casa de amigos e eu mesma não tinha pouso certo, recebi um convite para ser babá de uma menininha em Seattle, no extremo noroeste dos Estados Unidos da América do Norte.

E deu-se o milagre! Vivenciei um outono de verdade! Maravilhei-me, a cada olhar, com a verdadeira sinfonia de cores e sons, de transformações nas pessoas, nos animais, nos ambientes. A cada dia a paisagem se transformava numa infinidade de tons, numa sucessão cambiante do verde ao amarelo, do vermelho

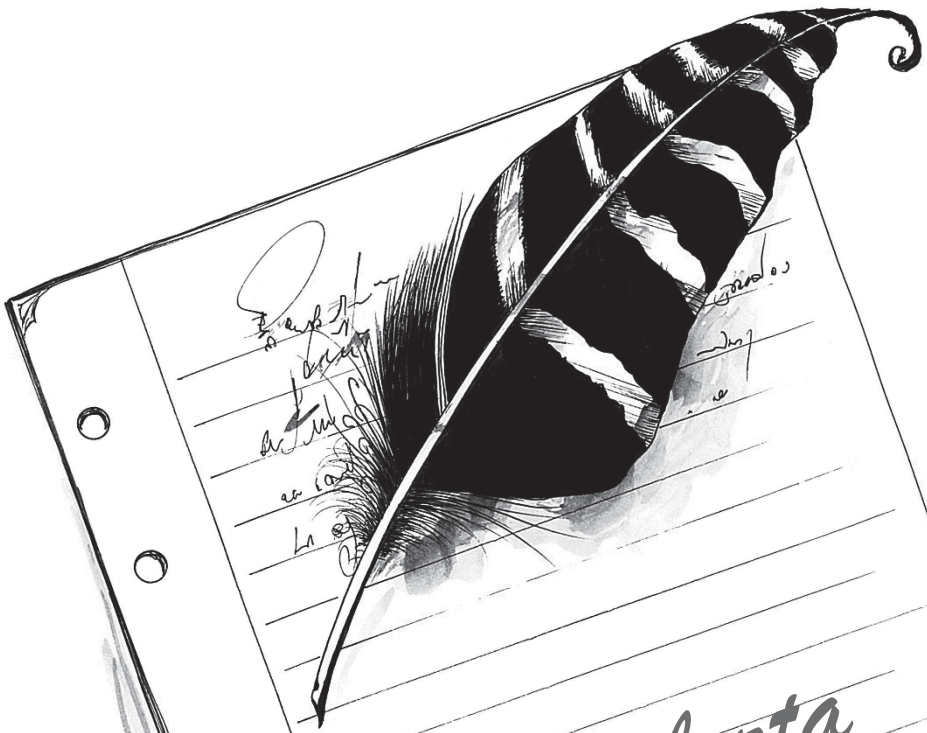
ao ocre e ao marrom, quando, então, as folhas se despediam da árvore-mãe, sussurrando agradecimentos. E continuavam a alegre sinfonia ao se encontrarem com suas irmãs, no solo, ao sabor dos ventos.

Admirei também a majestosa beleza das árvores nuas, recolhendo-se para hibernar e reflorestar mais tarde na primavera. Senti-me como as velhas árvores, tendo perdido muito, mas ainda com seiva vital.

Voltei ao Brasil aos 55 anos, sem dinheiro, mas com a convicção de que eu, ainda e sempre, teria energia para realizações!

Fiz concursos públicos, passei e recomecei minha vida profissional.

Hoje, após os 70 e participando do NETI, continuo a sonhar e a realizar, nem que seja vivenciando diariamente as maravilhas da natureza ao meu redor.



Descoberta

Soeli dos Santos  
de Menezes

Soeli dos Santos  
2013



# Descoberta

*Soeli dos Santos de Menezes*

Amanheceu. Alice escuta um ruído. Abre a janela do quarto e Tutuca, a gata manhosa de olhos verdes brilhantes, num salto se aninha em seu colo a ronronar, como faz todos os dias. Parda, de pelo macio, recebe as carícias e, depois delicadamente, é colocada no chão. Com doçura, a senhora lhe fala: beba o leiteinho que lhe preparei!

– Preciso pôr as coisas em ordem para ir buscar as crianças no horário combinado.

Alice passava a maior parte do tempo ocupada com os afazeres domésticos ou cuidando dos netinhos. Diversificar as atividades pessoais era seu desejo. Ela teria que ir em busca de amigos para tornar possível boas conversas e desabaços, e usufruir também de alguma forma de lazer. Ouvindo os passarinhos lá fora, percebeu sua algazarra em bando. Isso a fez refletir que as pessoas também se juntam para se distraírem. Resolveu entrar para um grupo de Terceira Idade, com sede próxima de sua residência.

Certa vez num passeio com o grupo, conheceu uma equipe do NETI da UFSC. Ficou encantada com

as suas contações de histórias. Incentivada a conhecer o Núcleo, passou a frequentar alguns cursos lá oferecidos.

– Ah! Como foi bom tomar tal decisão!

Ensinaamentos importantes lhe proporcionaram uma aprendizagem valiosa. Com tantas informações, encontra finalmente o que procurava para dar maior colorido à sua existência. Descobre atributos inestimáveis, como se fossem pedras preciosas, nunca antes lapidadas pela magia do saber. Acalma seu cotidiano conturbado para tornar-se mais tolerante e paciente com as pessoas de sua convivência. Desenvolve melhor o sentimento de fraternidade e trilha, finalmente, o caminho certo para ser feliz.

– Miau! Miau!

De manhã, Alice abre a janela do quarto e, num salto, a gata Tutuca ainda se aninha em seu colo e ronrona satisfeita.

– Bom dia, Tutuca.

– Miau! Miau!



*A roda em*

*volta da mesa*

*Sônia Maria Rodrigues  
de Magalhães*

*flora ignata*  
2013



# *A roda em volta da mesa*

*Sônia Maria Rodrigues de Magalhães*

Ficava me lembrando da roda em volta da mesa à noite, enquanto a mãe passava roupa e contava histórias... de assombração. Para uma garotinha de seis anos de idade, cada uma era mais assustadora que a outra. Mas ela adorava. Algumas, ela tinha claro na memória: aquela da porteira que rangia de madrugada sem ninguém bolir nela. A do sujeito falecido que surgia no meio da noite, tomava um copo de leite e depois desaparecia atravessando a parede. Mas a mais tenebrosa era aquela que a mãe contava de quando era garota ainda, lá na roça. Contava que havia uma tal moça que de vez em quando ficava possuída e danava a dizer impropérios e comer caco de vidro. Alguém mandava que a mãe, então menina, fosse buscar a mulher exorcista e, quando passava pela tal moça, ela, apavorada, ouvia, entre gargalhadas, em voz cavernosa e zombeteira a possuída falar: “vai, vai atrás dela, vai”... Sentia arrepios.

Lembra que ouvia atenta a “contação” da mãe, sem piscar os olhos, mas com o coração na boca. Só saía dali junto com todo mundo e, quando a luz se

apagava para dormir, rezava para todos os santos. Mas ainda assim, lá na roda, apesar do tremor nas pernas e das mãos geladas, costumava insistir: conta de novo? E assim as histórias se repetiam.

Recordava de outras tantas que a faziam viajar para mundos distantes – de príncipes e princesas, bichos e bonecas falantes, monstros e gigantes, tapetes mágicos, luxuosos castelos, feiticeiras más. Um dia ganhou um livro de páginas coloridas, eram os mais belos contos de fadas. Mas, além dos contos, se encantava folheando repetidamente as páginas cheias de ilustrações coloridas. Outro encantamento foi com a pequena vitrola de disquinhos, cada um de uma cor e que, além de histórias, tinha cantigas de roda que ela ouvia repetidamente e cantarolava enquanto sonhava com tantos personagens.

Isso foi há muito tempo. Hoje, estava assim, ensimesmada com suas memórias, lembrando-se de todos em volta da mesa, ouvindo lá longe as histórias e as músicas – as da vitrola e as cantadas por sua mãe. Histórias e músicas confundiam-se na voz materna. Iam e vinham.

Para os filhos, contara as de fada, as fábulas, as de aventura, as de final feliz, as de crianças travessas, as do Sítio do Picapau, as do Menino Maluquinho. Ao contá-las, vinha sempre a vontade de torná-las mais

vívidas. Fazer melhor a voz do lobo, da vovozinha, da Emília, da fada Sininho ou a gargalhada da bruxa. Mas não sabia bem como. Muitas vezes sonhara com o teatro infantil – quando estudante, certa vez, participara da peça “Pluft, o Fantasminha”. Tomou gosto, mas ficou só nisso. Quisera mesmo melhorar sua performance de mãe contadora de histórias. Certamente devia haver técnicas que tornassem as histórias mais vivas, mais encantadoras, mais atraentes. Mas naquela época a jornada de trabalho era pesada, chegava a entrar no terceiro turno. Teatro e técnica foram ficando para depois, para o “talvez um dia”...

O tempo passou, cresceram os filhos. Filho crescido costuma criar asas, e ela sabia os filhos que tinha. O aperto no coração se misturava com o orgulho de vê-los voar, e voaram para longe. Ninho vazio preenchido pelo trabalho ajuda o tempo a passar, e eis que o tal DEPOIS, enfim, chegou. E foi chegando e desacelerando a vida, trazendo mudanças na rotina, no cotidiano. Foi chegando e trazendo gente nova, chegaram os netos.

Aquele tempo do corre-corre ficou velho, passou. Agora tinha um tempo novo que sobrava. Tempo que sobra assusta quem sempre precisou de tempo. Havia, sim, certo estranhamento nesse ócio anunciado. Como organizar a nova rotina com tanto

tempo? Quem sabe novas histórias, quem sabe agora aquelas tais técnicas? O teatro? O canto? As ideias se transbordando em sua cabeça e a vida aflorando em sua pele – o tempo agora nada mais era que algo a administrar a seu favor. Tempo para reinventar, recomeçar, para novos encontros, novos olhares, novas trocas, quem sabe uma nova tribo? Tempo de fazer de novo e fazer o novo.

Deu de pensar que era preciso buscar, encontrar o novo caminho ou um jeito novo de caminhar, como dissera o poeta. Partiu em busca de um novo fazer, de um novo aprender. Não tardou a encontrar na internet um curso de “Contadores de histórias” no NETI. Mas o que era o NETI? Com sede no *campus* da UFSC, descobriu ser o Núcleo de Estudos da Terceira Idade. Mas... Terceira Idade? Uhn... É certo que chegara aos 60, mas não conseguia se sentir enquadrada nessa categoria. Não, ainda não. Medo da velhice? Preconceito? Vá saber... Imaginava um monte de velhinhos e velhinhas a trocar conversas do passado, um intervalo para um café com bolinhos trazidos de casa e pronto, fim da aula. Mas decidiu conferir. Surpreendeu-se. O NETI, longe de ser meramente recreativo ou de socialização, conforme pensara, se revelou um espaço de reciclagem e crescimento pessoal. Sim, é certo, para a Terceira Idade,

mas a ideia preconcebida de velhinhos melancólicos a falar do passado estava longe de ser verdadeira. Encontrou ali gente ávida por novos conhecimentos, querendo desenvolver um potencial adormecido, gente decidida a dar novos passos, encontrar uma nova estrada a trilhar.

Começou a trilhar o caminho com cautela, procurando conhecer não só a estrada, mas também os demais caminheiros. Também eles iam cautelosos. O caminho foi aos poucos se delineando e, ao longo dele, não apenas foi encontrando novos pares, mas, sobretudo, foi se redescobrendo, acordando desejos e aspirações adormecidas ao longo do tempo. Um reencontro consigo, com atividades outrora prazerosas, mas relegadas e adiadas, um vislumbrar a possibilidade de resgatá-las, de preencher antigas lacunas. Um inesperado e prazeroso reconhecimento de si mesma.

As semanas foram transcorrendo e, nessa medida, os passos ficavam mais largos, mais firmes. Passaram-se os meses, até que tempo e espaço se tornaram um só, culminando com um propósito a cumprir: chegara a hora de arregaçar as mangas, e ela mal podia esperar para começar: *era uma vez...*

Voltava a pensar na mãe e nos irmãos em volta da mesa. Histórias são sempre histórias, não importa se de assombração ou aventuras, de fadas ou suspen-

se, de amor e final feliz ou infeliz, verdadeiras ou não.

Afinal, quem não gosta de ouvir uma boa história? Histórias para refletir, aguçar o pensamento, passar o tempo. Escritas, contadas e cantadas para distrair, imaginar, ensinar, arrepiar, tocar o coração, tremer as pernas, suar as mãos, fazer rir e até chorar.

E ainda há aquelas para fazer dormir e para sonhar...

Ela e os irmãos em volta da mesa: conta outra vez, mamãe???

Ela e o menino em cima da cama: conta de novo, vovó???



Idas e vindas  
do NE79

Valuzia Manoel Luiz

4/12/2013



# Idas e vindas do NETT

Valúzia Manoel Luiz

O almoço precisa ser rápido, pois é necessário estar no ponto do ônibus do Kobrasol em horário propício para chegar ao TICEN (Terminal de Integração Centro). Saindo da plataforma “D” em direção à “A”. É desta que sai o outro ônibus em direção à UFSC.

Esses trajetos, Continente—Ilha, dependendo das condições do trânsito, levam em torno de 1h a 1h45min.

Algumas vezes é preciso esforço e dedicação, pois, ao chegar ao *campus* da UFSC, a direção é ao CSE (Centro Socioeconômico), no qual é realizado o curso de “Monitores da ação gerontológica”.

Então vem a recompensa: o conhecimento, a experiência, a amizade, o reconhecimento, os bate-papos, dentre outros.

Por que comecei o assunto relativo ao transporte? Pelo fato de chamarem a atenção vários fatores que ocorrem durante o trajeto dentro dos ônibus coletivos. Situações inusitadas ocorridas neste percurso, bairro—Centro—Trindade. Se observar, em

torno de 80% dos passageiros estão com fones de ouvido conectados ao celular, ouvindo músicas, alguns fazendo ligação e outros recebendo. “Oi... já estou chegando, estamos em cima da ponte.” “Oi, saí agora, estamos na Via Expressa.”... “Não sei! Está muito devagar. Quando estiver mais perto, te ligo.” “Alô! Você fez o que te pedi?... Não?... Eu não acredito, quando chegar, vamos falar sobre isso.”

E por aí vai...

Impossível não ouvir, pelo óbvio, estamos dentro de um ônibus coletivo.

Numa outra ocasião, vinha sentada em uma das primeiras poltronas, eu ao lado do corredor. “Poltrona sem apoio para o braço”. Ao lado da janela, um homem um tanto espaçoso. Eu lia um texto sobre a aula do dia. Absorta, não me dei conta das manobras do ônibus. Ao sair da Via Expressa para o Kobrasol, esse fez uma curva, levei um tremendo susto, logo pensei que fosse cair.

Minha reação na hora foi agarrar-me na manga da camisa do homem que estava ao meu lado. Encabulada, olhei para ele, pedi desculpa, explicando o fato de ser lançada da poltrona. Ele sorriu respondendo: tudo bem, sem problema!

Mais recentemente também, ao sair do TICEN para o Kobrasol, o ônibus estava com todos os as-

sentos ocupados. Vi que lá no final do ônibus, local popularmente dito “cozinha”, havia meia poltrona. Disparei e, pedindo licença, fui sentando, sendo espremida e muito apertada sem possibilidade de movimento em ambos os braços.

Vale ressaltar que os outros passageiros que estavam ao meu lado eram jovens, com suas mochilas, num bate-papo “irado”. Não estavam nem aí para minha situação de “sardinha enlatada”. Contudo, estava sentada, mal acomodada, porém segura, visto que em hipótese alguma saltaria da poltrona, não tinha chance de queda.

Vi e ouvi pessoas brigando, confidenciando, cantando, rindo, lamentando etc.

Lentidão na Via Expressa fez com que registrasse na câmera do celular um magnífico pôr do sol.

E é assim desse jeito o cotidiano dos usuários dos transportes coletivos. Assuntos teria para narrar aos montes. Bom viver esses momentos. Sei que, assim como eu, muitas pessoas possuem bagagem de narrativas, nesse e em outros trajetos percorridos, nessas idas e vindas.





Revivendo

Vânia Maria Maya de  
Albuquerque

2013



# *Revivendo*

*Vânia Maria Maya de Albuquerque*

Eu cheguei num momento da minha vida em que a necessidade de resgatar a minha essência, perdida há muito tempo, tornou-se inevitável. Iniciei, então, uma viagem interior buscando caminhos direcionados pelas minhas aptidões e preferências, e nessa busca lembrei-me de algo que foi marcante para mim.

Foi numa festa de fim de ano do curso de teatro do meu filho Mateus, quando a professora fez um convite aos pais que quisessem participar, que algo foi despertado em mim e, num ímpeto, aceitei o desafio. Eu me ofereci para contar uma história cujo tema era apropriado ao evento.

Subi ao palco e, para minha surpresa, com muita tranquilidade contei a minha pequena história. A plateia, no início bem dispersiva, foi aos poucos fazendo silêncio e fixando a atenção nas minhas palavras e gestos.

Aquele momento foi mágico para mim. O conto que escolhi era muito bonito, com uma mensagem emocionante, e todos aplaudiram muito. A professora de teatro do meu filho também gostou e me incenti-

vou a aprimorar a habilidade para contar histórias. Porém, pelas circunstâncias da minha vida naquele momento, eu não tive o tempo físico e emocional para seguir o caminho sugerido.

Este ano, decidindo retomar esse objetivo, encontrei o curso de “Contadores de histórias” do NETI e um mundo novo se abriu para mim. Nele, tive o reencontro com a poesia. A poesia da vida. O convívio com pessoas e suas histórias de vida e com os textos de grandes nomes da nossa literatura. A oportunidade de poder expressar-me, transmitindo na leitura dos textos toda a emoção do seu conteúdo, agora com as técnicas aprendidas. A segurança para contar e compreender as minhas histórias e a emoção de revivê-las.

Foi interessante quando descobri que a minha admiração pela contação de histórias está ligada à lembrança das histórias contadas pelo meu pai. Histórias reais vividas por ele como piloto da FAB na implantação do Correio Aéreo Nacional e no serviço de apoio aos contatos terrestres feitos com as tribos indígenas da região amazônica.

Meu pai passava longos períodos nessas missões, e eu esperava ansiosamente a sua volta para ouvir as histórias que ele traria na bagagem. Elas eram fascinantes, repletas de aventuras e fatos marcantes.

Sua maneira de contá-las era ainda mais misteriosa. Contava bem devagar, fazia grandes pausas quando a narrativa estava bem emocionante, saboreando cada palavra, emocionado por reviver aqueles momentos.

Na minha imaginação de criança, eu via os lugares que ele descrevia: a selva; os índios; seus hábitos; a fila para distribuição de bolas de gude para as crianças que não terminava nunca porque eles contornavam a maloca e voltavam para o fim da fila; as pistas de pouso do avião abertas em picadas da mata; o avião puxado por bois; as cachoeiras...

Foram muitas histórias, mas uma delas ficou marcada para sempre na minha memória pela comoção que eu pude sentir no meu pai quando ele a contou. Era uma viagem de rotina, como sempre fazia, levando pelo ar o suporte de materiais e equipamentos necessários para a equipe de terra que já havia chegado anteriormente e feito o contato inicial com a tribo.

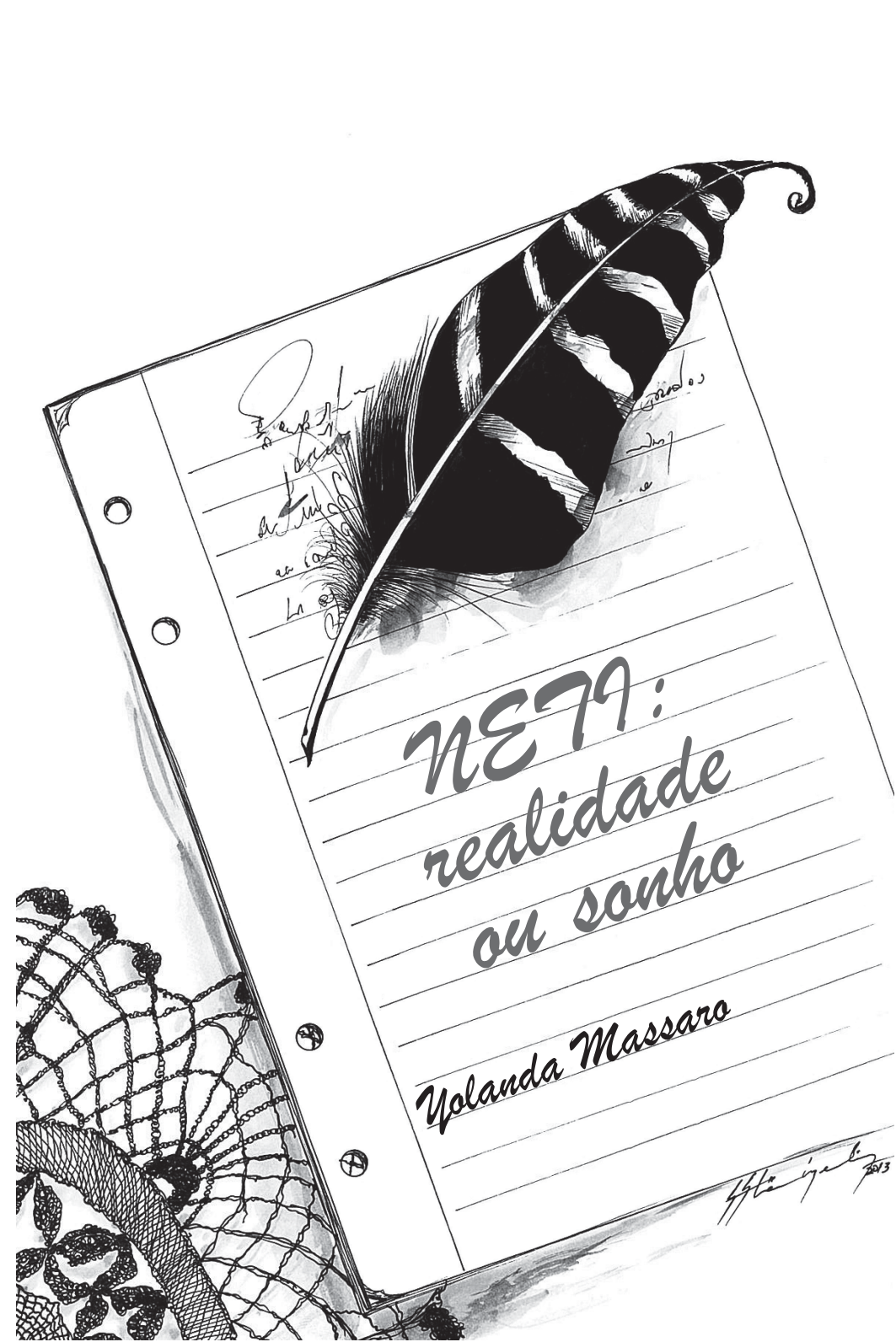
A descrição do local era deslumbrante. Uma região de selva virgem com um rio que formava grandes e belas cachoeiras. O avião fez o voo de aproximação e reconhecimento do local do pouso e, por isso, ficou dando voltas sobre a região. O procedimento de aterrissagem era todo visual. Não havia no local a instrução por torre de controle. A tripulação contava somente

com a comunicação por rádio com o pessoal de terra.

Quando finalmente pousou e saiu do avião, meu pai sentiu que algo havia acontecido pela observação dos semblantes apreensivos de todos da equipe e das atitudes arredias e temerosas dos índios. A satisfação do pouso bem-sucedido e a expectativa da distribuição dos presentes que levava, e que sempre era motivo de brincadeiras e de aproximação com os adultos e as crianças, foram interrompidas pelo clima de comoção que havia no ar.

Sem entender o que acontecia, pediu explicação ao chefe da equipe de terra que veio receber a tripulação do voo. Foi então que ouviu o relato que o deixou muito triste: um indiozinho, que nunca havia visto um avião, correu aterrorizado e, descontrolado, jogou-se do alto de uma das cachoeiras.

Essas lembranças de infância e as fortes emoções que ficaram gravadas em mim afloraram com a minha entrada no importante universo da contação de histórias.



The illustration depicts a tilted notebook with horizontal lines. A quill pen with a striped, bulbous body and a sharp point lies diagonally across the upper half of the notebook. In the bottom left corner, a fishnet is draped over a floral-patterned fabric. The notebook has three binder holes on its left edge. Faint, illegible handwriting is visible in the top left corner of the notebook's pages. The main title is written in a large, stylized, handwritten font, and the author's name is written below it in a similar but smaller font. A signature and the year '2013' are located in the bottom right corner of the notebook's page.

NE79:  
realidade  
ou sonho

Yolanda Massaro

Yolanda Massaro  
2013



# NETI: realidade ou sonho

*Yolanda Massaro*

Pensar no NETI é como sentir um quentinho no coração.

Há um ano, pela primeira vez, escutei falar do NETI. Minha amiga e irmã Olga me indicou um lugarzinho na UFSC que seria muito especial para mim. Fui até lá e procurei, perguntei, atravessei as ruas de um lado e de outro e cheguei até o lago. Como não encontrei o lugar indicado, regressei para casa. No dia seguinte, voltei ao *campus* e perguntei para alguém sobre o lugar especial indicado pela minha amiga e a pessoa gentilmente me disse que eu estava na rua certa, perto da Igreja.

Fui lá e rapidamente me atendeu uma figurinha de mulher pequena, falando perfeito espanhol, me explicou sobre as 38 especialidades e, ao final, informou que não havia vaga em nenhuma atividade. Fiquei consternada e solicitei se poderia colocar-me em lista de espera. Em qual? Não sei, talvez no grupo de “Contadoras de histórias”.

Para mim, foi uma experiência interessantíssima. O primeiro desafio era entender o idioma, pois fala-

vam muito rápido e eu estava ansiosa por conhecer os escritores brasileiros. Só conhecia os mais difundidos. Eu tinha agora um longo caminho a percorrer. O grupo era muito unido e tinha por característica a alegria e a imensa disposição ante qualquer situação. Eu fiquei acomodada e protegida por uma equipe bem organizada e de grande coração. Havia muito que aprender. Minhas histórias ficavam horríveis em “portunhol” e não entendíveis em espanhol.

Assim, foi chegando o tempo de começar a falar dos 30 anos do NETI. Os 38 grupos de estudos nos lançaram a trabalhar intensamente, procurando exprimir o cérebro e a imaginação num resultado original.

No dia da apresentação, havia uma atmosfera mágica. O local estava de cheio de escritores, pintores, contadores e artistas em geral. Lemos um conto de Clarmi Regis, teatralizado. Ficou muito bonito. Depois o ilustrador comentou a eleição de seus desenhos, um por um, conforme cada história. Superinteressante.

No livro a autora relata a atmosfera daquele tempo, os costumes da sociedade, as regras para os jovens da época. Depois começou um espaço de perguntas e respostas no qual os participantes interagiam num clima de fraterna amizade.

Por último, as luzes começaram a se apagar até ficar em total penumbra. Do fundo do salão surgiu a figura de um homem negro, alto, com terno e cabelos cinza que avançou lentamente até o centro do salão, no qual se inclinou numa saudação profunda que nos derreteu a alma.

Esse homem de cabelos cinza era o ex-presidente sul-africano Nelson Mandela. Um sorriso iluminou o rosto gentil desse indomável defensor da justiça do século XX. Foi uma cena comovente. A gente dizia que qualquer país que possuía um líder de sorriso tão brilhante podia considerar-se afortunado. O ex-presidente Mandela é um homem pessoalmente tão cálido, simples, porém é uma das personalidades mais grandiosas do mundo. Todos se sentem inclinados a tratá-lo como se fosse um velho amigo. Seu sorriso parece autêntico e puro, como ouro de máximo valor, e sua vida resplandece como aquelas que tenham sido forjadas no sofrimento mais profundo. Antes de iniciar sua mensagem, deu uma olhada a cada um dos concorrentes. Sua voz suave e profunda disse:

“Enquanto há gente boa neste mundo a luz da paz não se extinguirá. Enquanto permitimos que nossa luz brilhe, nós, inconscientemente, damos permissão a outros para fazerem o mesmo. Quando nós nos libertamos do nosso próprio medo, nossa presença automaticamente libertará outros.”

No dia seguinte quando despertei, a chuva era intensa em minha janela, a festa da noite parecia um sonho. Havia acabado nossa comemoração e devíamos reorganizar nossas tarefas em creches e escolas até o final de ano.

Selma Clemes Kulkamp  
Elaine Lima da Silva  
Antônio Felix da Silva  
Acélio Richetti  
Ana Conceição de Souza Dias  
Ana Márcia Medeiros Jabor  
Astrid D. Ayala Fonseca  
Dulcirene Grein Ferreira  
Elna de Oliveira Silva  
Inês Carmelita Lohn  
Ivone da Costa Tonon  
Lilian Feller Schmidt  
Lourdes Teresinha Malfatti Gasperini  
Margarete Leopoldo de Mello  
Maria Alicia Carena Cupani  
Maria das Graças Ferreira  
Maria de Lurdes Camargo Nogueira  
Maria Elisabeth Amaral Wollinger  
Maria Leonilda Scherner Rossi  
Mônica Joesting Siedler  
Myrna Evelise N. Andriani  
Nestor José Rech  
Oswaldo Tadeu Santana e Silva  
Raquel Quadros Seiffert  
Regina Maria Valente Magaldi  
Soeli dos Santos de Menezes  
Sônia Maria Rodrigues de Magalhães  
Valuzia Manoel Luiz  
Vânia Maria Maya de Albuquerque  
Yolanda Massaro